



## Mário de Andrade e o Brasil que explodiu há cem anos

P12 a 15

## Portfólio Um milhão de crianças já fugiu da Ucrânia

P10/11

MIGUEL MANSO



Em Trás-os-Montes, já não é verdade que há “nove meses de Inverno e três de inferno” P4 a 9

## Índice

**4** **Reportagem**  
**Seca**  
As vacas e as abelhas já não têm o que comer

**10** **Portfólio**  
**Refugiados**  
Um milhão de crianças já fugiu da Ucrânia

**12** **A semana de 22**  
**Mário de Andrade**  
O Brasil explodiu há cem anos!

**16** **Ensaio**  
**Saúde mental**  
Comprimidos de Lagartil: hibernar a mente?

## As “oportunidades” da guerra



O que é meu é teu  
**Vítor Belanciano**

**N**o meio das desgraças, das crises, das guerras, aparece sempre o discurso das “oportunidades” que se abrem para alguns perante o cadafalso da maioria. Na última segunda-feira, ao assistir-se à apresentação do plano da Comissão Europeia para tornar a Europa independente da importação de combustíveis fósseis russos antes de 2030, era nisso que se pensava.

Não sei quantas vezes a palavra “oportunidade” foi proferida mas foram muitas. Perante a guerra da Ucrânia, aquilo que até há dias eram obstáculos inamovíveis e impossibilidades tornou-se um mundo de “oportunidades” para uma Europa mais “limpa”, “sustentável” e “ecológica”, disposta à transição energética para as chamadas energias verdes – algumas não tão verdes quanto isso e de eficiência discutível – através da energia solar fotovoltaica, eólica ou uso de bombas de calor.

Nada de equívocos. A questão aqui não é essa passagem. É porque é que não se investiu fortemente antes na substituição dos combustíveis fósseis por fontes de energia limpa? Porque é que existe sempre esta sensação que politicamente não se planeia e projecta, agindo-se com ponderação, mas apenas se reage aos acontecimentos quando é tarde de mais? Não são “oportunidades”. São contingências e também, não sejamos inocentes, episódios em directo de como o capitalismo se metamorfoseia, adequando-se a todas as situações, assumindo agora as novas roupagens da defesa do ambiente. Só faltou sugerir-se aos milhares de condutores citadinos que faziam filas nas bombas para se abastecerem de combustível, para largarem de imediato o amado popó e começarem a andar de bicicleta.

Não há nada como uma guerra para a Europa se tornar mais consciente ambientalmente. Ironizo, claro. A pandemia, principalmente na

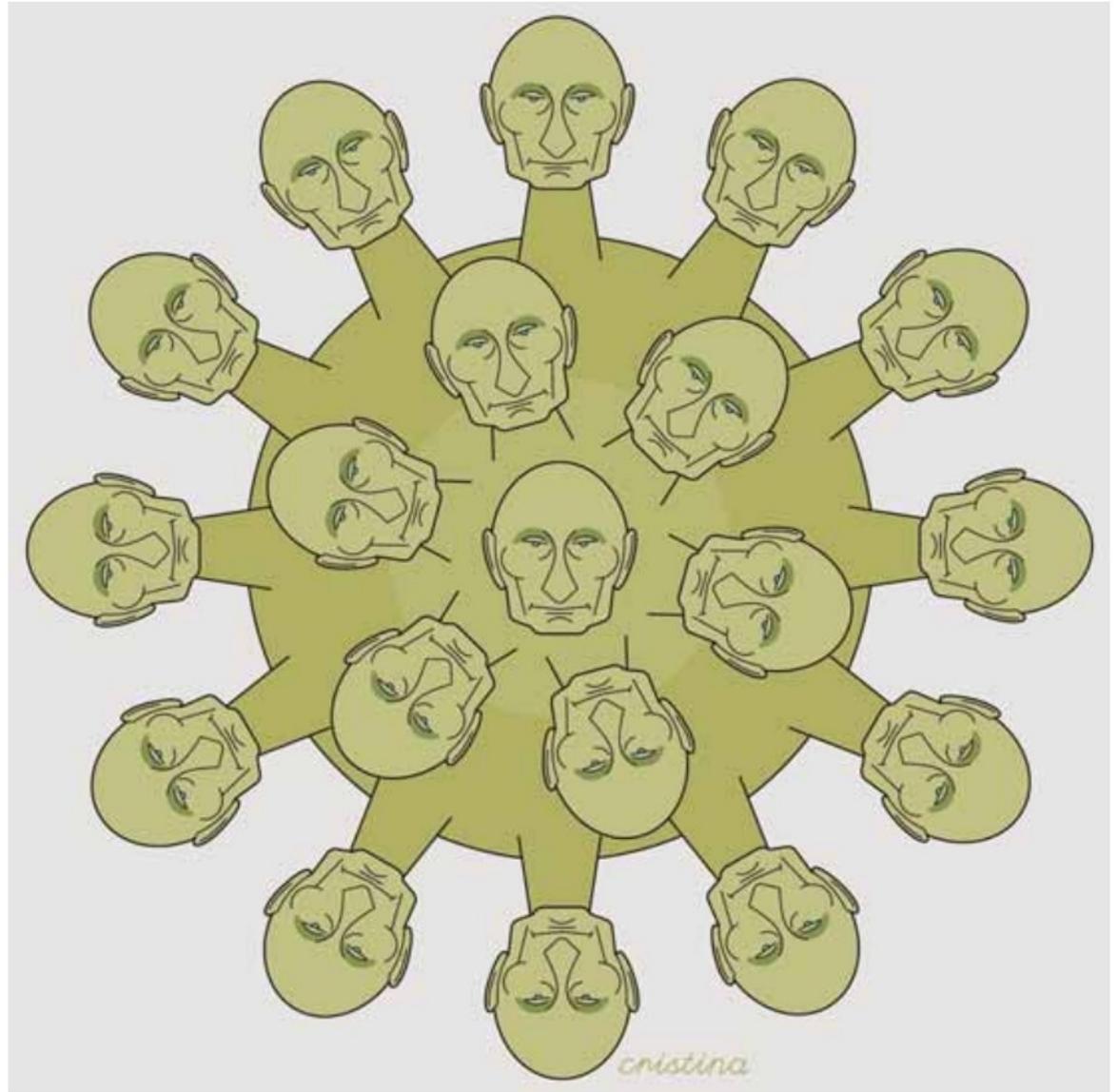
fase inicial, também provocou o mesmo tipo de percepção, como se tivesse uma função purificadora, abrindo espaço para um outro ciclo de produção e consumo. No meio da tragédia, também se aviltaram “oportunidades” de negócio. Que o digam as multinacionais da tecnologia. Da mesma maneira deverão estar hoje a esfregar as mãos de contentes empresas da indústria de armamento, perante a corrida às armas e o investimento em defesa militar que promete aumentar com substância.

O mesmo tinha acontecido aquando da crise económico-financeira de 2008. Dizia-se que seria a “oportunidade” de recentrar o conceito de democracia, de políticas públicas e de desenvolvimento. Era preciso superar a visão que confunde desenvolvimento com crescimento económico e um tipo de progresso material supostamente ilimitado. O desenvolvimento precisava de ser humano, social e sustentável. Anos depois, vivemos em crise permanente, onde de “oportunidade” em “oportunidade” para alguns, os do costume são sempre os sacrificados. Neste caso, para além dos que são submetidos directamente à violência e à morte na Ucrânia, estão todos os outros, pela Europa e não só, que irão pagar economicamente os efeitos desta guerra.

Para uns, Putin é louco e não existe racionalidade nenhuma no seu gesto. Para outros, esta é uma guerra entre Rússia e NATO, no território da Ucrânia, que conduzirá a mais uma crise. E, para outros ainda, não é a guerra que provocará qualquer crise, mas é a crise económica, que já vinha de trás, que está a originar respostas militares e económicas. Independentemente de quem estiver certo, uma coisa é garantida: há quem viva muito bem com crises. Ganha ao destruir. Ganha ao reconstruir. O bem-comum e os cidadãos comuns é que perdem.

**Jornalista**

**Desalinho**  
**Cristina Sampaio**



A seguir  
**Monstra – Festival de Animação de Lisboa**



**Sob o signo do Leste**

É sob o signo da animação da Bulgária que decorre, a partir de quarta e até dia 27, a 21.ª edição da Monstra – Festival de Animação de Lisboa, celebrando com 80 filmes uma cinematografia insuficientemente conhecida. Se o destaque vai para esta produção da Europa de leste, não é só por aí que passa o certame: a inauguração faz-se com *Belle*, do mestre japonês do anime Mamoru Hosoda, e mostrar-se-á em antestreia o muito falado *Flee – A Fuga*, documentário animado do dinamarquês Jonas Poher Rasmussen sobre um emigrante afegão, que está nomeado para

três Óscares (City Alvalade, quinta 17 às 20h, em antecipação à estreia a 7 de Abril). Ao longo de 11 dias, o festival apresenta um total de 400 filmes na Cinemateca e nas salas do City Alvalade e do São Jorge, bem como exposições no Museu da Marioneta, Sociedade Nacional de Belas-Artes e Galeria de Santa Maria Maior. A destacar também 11 curtas portuguesas a competir pelo Prémio SPA Vasco Granja, entre as quais, filmes de Laura Gonçalves, Pedro Serrazina e Paulo Patrício. A programação completa pode ser consultada no [site](http://www.monstrafestival.com) www.monstrafestival.com. **J.M.**

**22** **Estar bem**  
**Relações**  
Não-monogamia:  
libertinagem ou o  
futuro das relações?

**23** **In Memoriam**  
**Henriette Hanotte**  
O rosto de uma das linhas  
de libertação da II Guerra

**24** **Crónica**  
**Rogério Casanova**  
Alice nos dois lados  
do espelho

**Ficha técnica**  
**Director** Manuel Carvalho  
**Directora de Arte** Sónia Matos  
**Editor** Sérgio B. Gomes  
**Designers** Marco Ferreira e Sandra  
Silva **Email** sgomes@publico.pt

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

# A alegria da (in)compreensão



*Tanto faz  
não é resposta*  
**Carmen Garcia**

**H**á poucas matérias em que me sinta tão ignorante como a Física, mas ainda assim decidi arriscar e ando há um par de dias às voltas com um artigo que me deveria fazer perceber tudo sobre o Bosão de Higgs. Só que eu leio, releio, sublinho, faço esquemas, recordo as aulas do secundário e desisto. Frustrada, é um facto, mas desisto. E percebo que há coisas que nunca vou conseguir entender, enquanto finjo conformar-me com isso.

Nestas alturas lembro-me do meu avô na primeira vez em que, no Natal, viu a minha irmã a falar através do Skype com uns amigos em Itália. Achem que ele acreditava que aquilo era real? Dou-vos a minha palavra de que só lhe faltou pedir para as pessoas do lado de lá mostrarem um jornal com a data e jurarem sob compromisso de honra que aquilo não era “para os Apanhados”.

Já nem me lembro bem do que fizemos para o convencer, mas sei que a certo ponto ele lá interiorizou. O telefone, bastante mais simples, ainda era para ele o pináculo da tecnologia. Então imaginem o impacto de uma chamada de vídeo em tempo real.

Já escrevi, por várias vezes, que o mais próximo que a humanidade conhece de um milagre se chama ciência. E acreditem que sei do que falo, pois vivo com um destes milagres em casa. É que uma videochamada pode ser impressionante, mas imaginem um pequeno dispositivo, mais ou menos do tamanho de uma moeda de dois euros, que permite que o vosso filho surdo profundo passe a articular palavras, integrado numa escola regular e que tenha uma vida praticamente idêntica à de uma criança ouvinte. Ainda hoje, três anos depois da cirurgia, olho para o implante do Pedro de forma reverente e manipulo-o com o cuidado que só entregamos ao que nos é mais precioso.

E imagino o que sentiria

qualquer um dos meus avós, se, neste momento, pudesse voltar à vida e percebesse que o bisneto, que na época deles estaria condenado a uma vida de mutismo e isolamento, se transformou num tagarela que toca bateria e adora dançar.

Amanhã, dia 14 de Março, celebramos o dia de nascimento de Einstein e passarão quatro anos exactos sobre a morte de Stephen Hawking. E estes são, provavelmente, dois dos físicos teóricos mais importantes de sempre. Do trabalho e do legado que nos deixaram percebo muito pouco, apesar de ser, há anos, perseguida pela fórmula do  $E=mc^2$ . Mas dentro do meu desconhecimento sei que hoje, em memória destes dois e de muitos outros, é um bom dia para elogiar a ciência e para lhe escrever uma carta de amor. Esta é a minha.

**É** que, para além de ser mãe de um “surdo que ouve”, também sou filha de um homem que tem no coração uma válvula aórtica mecânica, que veio substituir a válvula nativa totalmente disfuncionante. E sou uma das sortudas que tiveram o privilégio de ser inoculada com vacinas que impediram doenças como o sarampo ou a poliomielite.

Mas não foi só na saúde que a ciência me deu muito. Com uma irmã em Itália e um irmão para lá de Barcelona, é a ciência que nos torna próximos e que faz com que, muitas vezes, tenha a sensação de que eles estão só ali no outro lado da rua. Também é esta ciência que me permite acompanhar de perto, mesmo que à distância, o crescimento das minhas sobrinhas. Devo, ou melhor, devemos muito à ciência. E sabem o que vos digo? Nos últimos tempos temo-nos comportado como uns ingratos e, com a barriga já cheia, vamos ingerindo cada vez mais alarvidades.

Há uns dias, ao falar sobre

dietas, uma amiga dizia-me que antigamente, no período do Paleolítico, é que as dietas eram ricas e equilibradas. E eu respondi-lhe que devia ser por isso que apenas 25% da população ultrapassava a barreira dos 40 anos. Ela amuou. E eu tive vontade de a meter numa máquina do tempo e enviá-la para o período em que os primeiros hominídeos, nómadas, viviam da pesca, da caça e da apanha de frutos. E isto é um bocado como os movimentos antivacinas europeus e norte-americanos - porque é sempre mais fácil achar que as vacinas não fazem assim tanta falta e inventar correlações aberrantes, quando não se sabe sequer o que são a varíola ou a poliomielite, porque a vacinação há muito que as erradicou.

Neste momento, por acaso, mesmo à minha frente, deitado no sofá, o meu filho de faces rosadas está tombado pela febre. E eu, mãe, apesar de preocupada, sei que a minha preocupação é relativa. O pequeno tem uma amigdalite bacteriana e, felizmente, graças a Fleming, na nossa bancada da cozinha está mais um frasco milagroso que dá pelo nome de antibiótico. No século XIX uma amigdalite como esta poderia ser mortal.

A ciência deu-nos vida e, mais do que isso, deu-nos vida com mais qualidade. Mas cada vez há mais quem insista em renegá-la. Na mesma época em que temos toda a informação do mundo à disposição, temos cada vez mais grupos que defendem, de forma quase bélica, o regresso ao “natural”. E por “natural” entenda-se uma vida sem quase nenhuma das vantagens evolutivas que a ciência nos concedeu.

Historicamente temos vários exemplos do quão perigoso pode ser virar costas à ciência, sendo que um dos mais populares ocorreu na ex-URSS sob comando de Estaline onde milhares de camponeses morreram de fome muito por culpa da pseudociência

de Trofim Lisenko, que, agarrado ao obscurantismo, recusou as ideias de genética mendeliana e fez perseguir e sentenciar à morte ou ao internamento psiquiátrico todos os cientistas soviéticos que recusaram renunciar à mesma.

**U**ma das teorias defendidas por Lisenko era a de que plantas da mesma espécie não competiam entre si e, como tal, para aumentar a produtividade, os camponeses foram forçados a semear as sementes demasiado próximas umas das outras, o que resultou num fiasco. Apesar de denunciado por vários cientistas, a verdade é que Lisenko, caído nas boas graças de Estaline, prevaleceu e conduziu a Rússia a um atraso de quase meio século nas áreas da Biologia, Agronomia e Genética.

E este é apenas um de muitos exemplos das consequências de virar costas à ciência - porque também podia falar de Arlyn Calos, filipina, que viu morrer dois filhos com sarampo, porque recusou vaciná-los, ou do grupo norte-americano QAnon, que promove as teorias da conspiração mais estapafúrdias, idolatra Trump e nega a ciência. A mesma ciência que nos salva e que nos empurra para a frente. A ciência que nos dá vida mesmo, quando não a conseguimos compreender, tal como me acontece com o Bosão de Higgs.

E, por falar nisso, vou voltar ao artigo. O mais certo é continuar a perceber muito pouco, mas, e raios me partam por isso, o meu conformismo é um fingimento. Pertenco e hei-de pertencer sempre ao grupo dos inconformados. E é por isso que ainda não perdi a esperança de compreender, nem que seja só numa parte, os mistérios desvendados pela Partícula de Deus.

**Enfermeira**

*A ciência  
deu-nos vida e,  
mais do que  
isso, deu-nos  
vida com mais  
qualidade. Mas  
cada vez há  
mais quem  
insista em  
renegá-la*



Em Trás-os-Montes,  
já não chega para o



**Reportagem** Numa região habituada ao verde das serras e dos pastos nos Invernos de neve e chuva, as vacas, ovelhas, cabras e abelhas estão a ficar sem o que comer e beber. As forragens não medram, a água escasseia, as flores não têm néctar, depois de um mês em que mais de 60% do país estava em seca extrema. Resta recorrer às rações, uma solução não só cara mas também ameaçada pela guerra

Por **Cristiana Faria Moreira** texto e **Miguel Manso** fotografia

#### Seca e não só

Nesta região do Norte do país, não é costume ter períodos de seca com tanta intensidade. Sem pastos nos campos, gado e até abelhas estão a ser alimentados com rações e suplementos, que estão cada vez mais caras, como os adubos e os combustíveis. São custos adicionais elevados para produtores que estão desanimados e receosos pelo futuro

“**A**nda, ‘Vaidosa!’” Filomena chama a vaca barrosã, corpo castanho e cornos enormes, para que entre no estábulo. É hora de recolher, já depois das cinco e meia da tarde. Chama ainda a “Fanny”, a “Gabi”, a “Boneca” e outras tantas. “Todas têm nomes.” E Filomena e o marido, Alfredo, distinguem-nas bem. Os animais pastam junto de uma levada, numa nesga de terreno onde umas ervinhas verdes despontam, contrastando com a restante propriedade com pasto amarelado e seco. “Elas cá fora não têm praticamente nada que comer e põem-se aqui à espera da hora do recolher”, repara Filomena.

Alfredo Cadime, de 65 anos, e Filomena Loureiro, de 61, são produtores de carne barrosã, raça de bovino autóctone portuguesa, na povoação de Carreira da Lebre, muito próxima de Boticas. Têm 16 vacas barrosãs reprodutoras e dois bois castrados, “para fazer as tais carnes maturadas”. “Todas Denominação de Origem Protegida [DOP], linha pura”, diz Alfredo, orgulhoso de continuar o percurso do pai e por ter já quem lhe suceda.

Quando olham para a água que corre naquele troço do rio Beça, conhecido pelas suas trutas, o que vêem resume perfeitamente o aperto que os criadores de gado da região do Barroso enfrentam. É início de Março e o Inverno, que em teoria acaba dali a umas semanas, ainda não chegou. Choveu e nevou muito pouco nestes últimos meses e, por isso, “as nascentes e os

lençóis de água começam a ficar mais fracos”. Noutra parte deste concelho do Norte do país, os bombeiros tiveram de ir encher o depósito de água que serve a aldeia de Valdegas no início de Fevereiro. Uma situação inédita no Inverno, que só costuma acontecer nos Verões mais quentes, quando a população – e o consumo de água – aumenta com a chegada dos emigrantes.

O rio Beça era para andar cá em cima, alagando os campos. “Calhava de ter épocas em que chegava aqui acima. Parecia quase o mar”, recorda Alfredo. Filomena até diz que era demais, que atrapalhava o trabalho. “Aquele alto ficava cheiinho. Chegava quase até à barriga.”

São os efeitos da seca que assola as explorações da zona – em rigor, todo o país continental. Em Janeiro, todo o território entrou em situação de seca meteorológica. Em Fevereiro, mais de 60% do país estava em seca extrema, fazendo deste mês o terceiro mais seco desde 1931.

“Nesta época, era para estar tudo verde”, diz Alfredo. As forragens semeadas não medram. “E já era para terem aí uns 40 centímetros de altura.” A exploração da família Loureiro Cadime está dividida em 22 parcelas, no total de 22 hectares. Alguns terrenos foram herdados, outros comprados. Só este, no qual o rio Beça corre, tem nove. Servem para semear cereais, como o milho e centeio e pasto para as vacas mastigarem e ainda fazer reservas de feno para o ano.

Por esta altura, o centeio já acabou e o milho está para acabar. O feno deve chegar, mas, para o ano, teme o produtor, não haverá reservas de cereais para

# o que vem da terra gado e as abelhas



alimentar os animais. “Isto vai-se reflectir, mas não é já.” As vacas continuam a procurar as ervinhas mais verdes que a humidade do rio fez brotar. Mas eles sabem que aquilo não as satisfaz. “Se estivesse bom, estavam só no pastoreio. Elas estão ali a olhar, à espera para comerem a silagem. E alguma ração de produção biológica, que é caríssima agora”, diz Alfredo.

Este produtor do Barroso está a fazer a transição para este tipo de produção. “Já tenho de cumprir todas as regras. Não podemos usar fertilizantes, pesticidas, herbicidas. É só o estrume dos animais. Utilizamos estes fios para as moscas e elas ficam coladas. Nada é pulverizado.”

A ração também tem de ser de produção biológica. Fica quase a dois euros o quilo. Um saco está quase nos 30 euros e, se fosse para alimentar à vontade, cada animal comia um quilo por dia. “Enquanto temos a silagem do milho, ainda nos safamos. Mas não dura sempre”, insiste Filomena.

O rádio está ligado a fazer companhia. “Fusca”, a “cachorra” labradora preta, corre para trás e para a frente à volta do estábulo. Lá dentro, estão dois vitelos prontos a ir para abate. E uma vaca pronta a parir a qualquer momento.

Os animais, para já, não estão em risco, garantem. Os custos é que começam a ser maiores, diz Alfredo, que olha à sua volta, preocupado: “Nesta parte aqui de trás, nascia água e [agora] está seco. Nunca me lembra de secar. Tanta seca como este ano não me recordo.”

### “O melhor cabrito de Trás-os-Montes”

Até ao Gerês, estas são as altas Terras do Barroso, onde o monte baldio, das giestas e das urzes, é de todos. Habitadas ao verde das suas serras e campos, à água que corre debaixo das terras, boas para batatas, cereais e para os lameiros tradicionais, vacas, ovelhas e cabras crescem com o que a terra dá. Só que as terras estão a deixar de dar. Há menos água, mas também menos braços dos novos, que fogem à procura de melhor sorte. Francisco Forte, de 40 anos, também chegou a fugir há uns anos para ir fazer o curso de Engenharia Zootécnica. Mas decidiu regressar a Boticas. “É a minha terra.”

Há cinco anos, “sem grandes condições”, com abrigos construídos por si, e a “arriscar um pouco”, criou a própria exploração. Meteu-se no negócio confiante “nas ajudas

que o Estado dá”, mas está a ser difícil aceder a subsídios “por causa da organização dos baldios”. “Ando num labirinto burocrático para aí há dois anos. Não sei se será compensador.”

Francisco comprou o rebanho a um pastor que decidiu abandonar as lides. Começou com 35 animais. Hoje tem 130 cabeças de gado, entre cabras – umas serranas de pêlo negro, comprido, com peladas claras e cornos torcidos – e ovelhas. “Tenho aqui uma mistura muito grande.” Para já, não tem condições para ter mais e a criação ainda não lhe permite fazer dinheiro para sobreviver. “É um começo.” Ainda mais atribulado pela falta de pasto disponível nos seus terrenos.

Como a partir de Dezembro é altura de partos, Francisco preocupa-se com a alimentação das fêmeas para que possam alimentar as crias. Sem poder contar apenas com o que a natureza dá, comprar feno e ração será um gasto a mais para este ano, calculado em cerca de dois mil euros.

Há uma sinfonia de baldios, mais ou menos jovens. Cabras de um mês andam no meio das mães paridas e das ovelhas. Percorrem a estrada de alcatrão em busca de pasto que alimente, num terreno que costuma estar reservado para o pastoreio nos meses mais quentes. “Já tenho de as trazer para aqui. Quando chegar ao Verão, aqui não tem nada”, lamenta Francisco.

O cão corre atrás delas, elas à frente deles, chocando umas com as outras, no regresso ao estábulo remediado que o criador construiu sozinho. “Isto é tudo improvisado.” Fez uma estrutura com andaimes a sustentar, pregados ao chão com cimento, revestidos de chapas que aproveitou de outra construção.

As cabrinhas vão procurando uma fêmea que lhes satisfaça a fome. Francisco tem o sonho de produzir leite e queijo. Para isso, gostava de montar uma sala de ordenha, mas o investimento – mais de 100 mil euros – é demasiado elevado. “Talvez um dia.”

Às vezes questiona-se sobre o porquê de perseguir um trabalho que não lhe dá retorno imediato. “Para que é que eu tenho este sonho?” Mas olha à volta e vê gente a desaparecer, terras desertas. “Eu acho que temos condições excepcionais para a produção de caprino. Eles gostam é de monte, de urze, de giesta.”

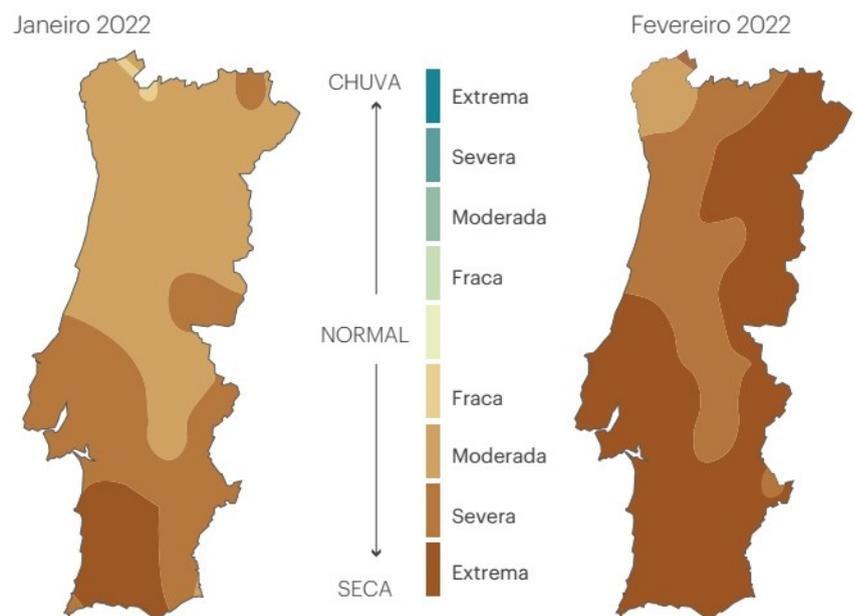
Cumprir esses objectivos dependerá dos subsídios que lhe forem atribuídos, diz. “É o Estado que vai decidir se eu vou ser



Precipitação média em Portugal continental de Outubro a Janeiro dos últimos 20 anos hidrológicos



Índice de seca meteorológica





comum passou de 0,32 para 0,46 euros por quilo de ração. Para tentar que o aumento do custo não tenha tanto impacto no consumidor, os fornecedores até passaram a fazer sacos de 25 quilos em vez dos 30 habituais.

“O problema é a imprevisibilidade que se está a gerar”, diz o presidente da Capolib. A cooperativa tem cerca de 400 produtores de carne barrosã, embora uns entreguem num ano e depois falhem noutra.

Não sabe se haverá produtores a abandonar a produção, mas reconhece-lhes o desânimo. “Temos uma média de cinco cabeças por criador na raça barrosã”, adianta. Existem subsídios à produção de raça autóctone, mas Albano acena com a necessidade de dar mais uma ajuda monetária por cabeça de gado aos agricultores. “Não sei como irão sobreviver sem ajudas. Parece que o dinheiro custa a cá chegar.”

É a cooperativa que, entre a gestão de 14 mil hectares de baldios, a valorização de produtos certificados e outras actividades, trata do abate e comercializa a carne barrosã produzida nos concelhos do Barroso. “Vamos buscar o animal ao mais recôndito lugar e o criador recebe o dinheiro passado mês e meio. Só produz. Não faz mais nada.” A cooperativa paga 5,50 euros o quilo de carcaça ao produtor. “Se isto assim continuar, vamos ter de aumentar a carne ao consumidor para poder pagar mais ao

agricultor ou não.” Quem sabe possibilitar-lhe atingir a meta mais ambiciosa: “Quero ter o melhor cabrito de Trás-os-Montes.”

### Chuva, ajudas e um clamor

Pede-se chuva e ajuda do Governo para fazer frente a uma situação de seca como dizem nunca ter vivido. “O futuro a Deus pertence. Mas que isto está muito mal está”, atira Albano Álvares, presidente do conselho de administração da Cooperativa Agro-Rural de Boticas (Capolib), fundada em 1952.

Sem pastos novos para se alimentarem, os animais estão a comer o que há em casa. “Uma agricultura débil como a nossa, apoiada na agricultura familiar, com estes problemas todos... o futuro não é muito risonho”, lamenta.

Albano Álvares é presidente da cooperativa há largos anos. Não se recorda de um ano tão mau como este, embora, por ali, já tenham vivido anos “muito maus”. “Isto está mais seco do que no mês de Setembro. Não é exagero.”

Mas a par da pouca precipitação, a conjuntura internacional preocupa criadores e cooperativas: a subida do preço dos combustíveis e a guerra entre a Ucrânia e a Rússia, dois dos principais produtores de cereais – matéria-prima para rações.

Albano, homem de contas feitas, acena com números: “O custo de produção de um quilo de carne barrosã aumentou 30%. Estamos com custos de produção completamente insuportáveis.”

Para tal, tem contribuído também o aumento do preço dos adubos. Há um ano, um saco de 25 quilos custava 6,55 euros. Hoje é vendido na cooperativa a 18,10. Um saco de 20 quilos de ração biológica começou a ser vendido a 18 euros há um ano. Agora, está a 21,5 euros. A ração mais

“

*Se estivesse bom,  
[as vacas] estavam  
só no pastoreio.  
Elas estão ali  
a olhar, à espera  
para comerem  
a silagem e a ração*  
Alfredo Cadime

### À espera da silagem

As ovelhas de Cláudia, à esquerda, e as vacas barrosãs de Alfredo têm cada vez menos onde comer. Vale-lhes o feno que ainda sobra do ano passado



agricultor. Isto é matemática”, constata.

A carne barrosã chega a outros sítios do país através, por exemplo, da cadeia El Corte Inglés – “o melhor cliente” – a países europeus, mas também a Macau, do outro lado do mundo.

Na primeira semana de Março, a chuva foi caindo naquelas terras. Mas ainda muito insuficiente. “A água que cai agora não entra dois milímetros na terra.” Ajuda a que os solos não continuem a degradar-se, mas tem de chover muito e a sério. “Neste tempo de Inverno, os ribeiros vinham cheios de água e limavam os lameiros. Vinham aquelas enxurradas todas e ao chegar aos lameiros deixavam matéria orgânica. Este ano, as levadas estão quase secas”, explica. Os pastos tradicionais acabam por sofrer porque não têm água nem matéria orgânica.

No fim de Março, os animais começavam a ir para as serras. Da Cabreira, do Barroso, do Gerês. Muitos gados sobem à serra e só voltam em Novembro, mas este ano, teme Albano, não haverá alimento. “Quem faz o pastoreio nas serras não pode levar o gado para lá.”

No desespero, o presidente da cooperativa avança uma solução: “Talvez seja preciso voltar a fazer os clamores, como nos tempos em que os aldeões e o padre iam em procissão da aldeia às capelinhas no meio da serra, a cantar e a rezar para que chovesse”, ri-se Albano.

### Um acto de cultura

Já que falamos de sabedoria popular, os antigos diziam que era a seguir a um ano bissexto que vinha um muito seco. A história e a ciência confirmam que as secas são cíclicas. Só que nos últimos 30 anos tem havido uma maior frequência e intensidade dos fenómenos climáticos extremos.

No trajecto para Miranda do Douro, entre serras que se sobrepõem a serras e as amendoeiras em flor que pintam o caminho, é Cláudia Fernandes, de 44 anos, quem recupera esse dito antigo. O seu rebanho pasta ali mesmo à beira da estrada. Devem ser umas 300 ovelhas. Mas há mais de cem paridas, que estão aconchegadas no estábulo.

“Elas comem o que têm em casa, coitaditas. Os pastos estão a ficar sem nada”, diz a criadora. Para já, ainda tem forragens da colheita do ano passado, que a mãe e o irmão cultivaram. “O pouco que se semeou está torrado com a geada. Nasceu pouca coisa”, queixa-se a criadora.

As ovelhas vão fugindo para o pasto verde do lado, que não é sua propriedade. Cláudia vai tirá-las de lá, agarrando-se à esperança de que para a semana “venha muita água”.

“Há um dito que diz que a região tinha nove meses de Inverno e três de inferno.” António Granjo, de 62 anos, lança o ditado que parece desactualizado para a época. O normal era as chuvas começarem em Outubro, Novembro e Dezembro. Depois cair alguma neve e assim se enchiam charcas e albufeiras, possibilitando aos animais beberem a água natural dos campos. Ali não se fala em alterações climáticas, embora a constante referência à falta de definição das estações do ano, ao aumento de temperatura e à falta de neve sejam sintomas que reconhecem num clima doente.

“Isto é fora do normal”, diz António, um dos maiores produtores de vaca mirandesa da região. Mal se atravessa o rio Fresno, afluente do Douro, à saída da vila, →

começam a aparecer campos. Cerca de 50, 60 animais pastam junto à estrada, num amplo terreno aqui e ali pontilhado por carrascos e alguns carvalhos. Olhando para o chão de longe, ele parece todo amarelecido. Árido até. Mais de perto, percebe-se que os trabalhadores comandados por António andam a deitar forragem pelo chão para que as vacas mirandesas, raça também certificada, tenham algum alimento e todas consigam comer. Nas manjedouras, “as mais fortes acabam por não deixar comer as mais frágeis”.

Para fornecer água quando é preciso, António tem “quatro ou cinco cisternas” para que não falte água aos animais. “A sede é ainda pior do que a fome.”

De algum dos seus 400, 500 hectares de terra devem ver-se as arribas espanholas, com o Douro a correr lá em baixo. António nasceu em Duas Igrejas, freguesia ali do concelho. A criação destas vacas mirandesas era a “grande paixão” do pai. Ele continuou-a. “Isto é um acto de cultura numa terra destas. Há dificuldades de os jovens quererem este tipo de actividade, que exige disponibilidade 24 horas por dia, todos os dias da semana.”

Ele admite que o trabalho agrícola ainda é “refém desse preconceito” de ter sido considerado durante muito tempo um trabalho menor, feito por “pessoas pouco evoluídas”. “A nossa região não é rica. É verdade que os subsídios têm mantido aqui algumas explorações”, embora algumas mais pequenas estejam a acabar, enquanto as médias aumentam ligeiramente.

Será porque muitos criadores estão velhos e cansados e não há jovens a quem passar a criação. “A juventude tem de ser motivada porque senão isto é mesmo para acabar”.

Em Malhadas, a oito quilómetros de Miranda do Douro, Valter Raposo lamenta o desânimo dos produtores e a “falta de visão” que tem havido no sector. “Há pinheiros, cerejeiras que nunca deram nada. Gastou-se um balúrdio de fundos que foram pagos para floresta. Estragaram o terreno que era bom para produção. Eu acho que isto é tudo uma questão de modas”, diz este veterinário de 39 anos, que é secretário técnico do livro genealógico dos bovinos de raça Mirandesa e tem como missão o melhoramento da raça por via da selecção.

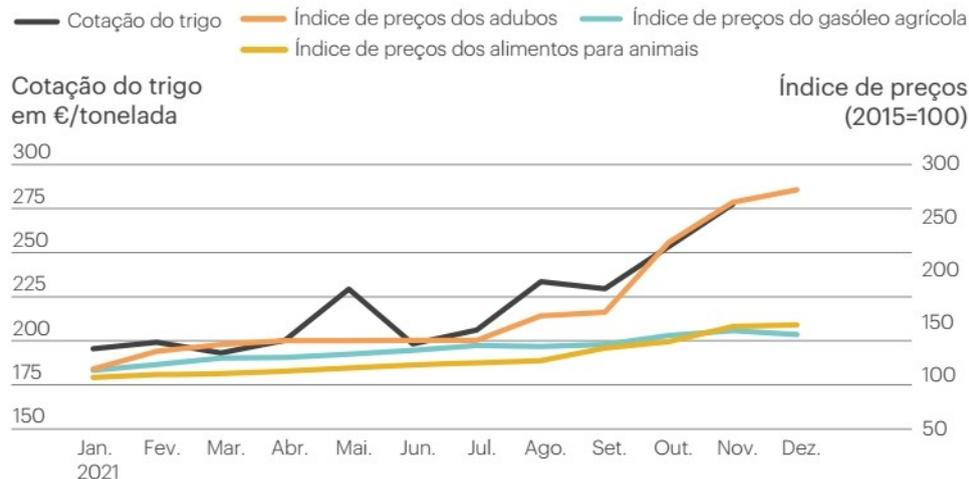
O planalto mirandês já foi a maior área de produção de cereais de sequeiro, como o trigo ou o centeio, depois do Alentejo. “Quem está muitas vezes a tomar essas decisões esquece-se de que, na maior parte das zonas onde há gado, nem dá para haver outras coisas.” E realça a dependência das matérias-primas do exterior. “Infelizmente, as políticas agrícolas não ajudam. Acabamos por não produzir nada.”

Neste momento, já se sabe, a falta de chuva não é o único problema, num ano em que “em termos de pastagens e forragens tradicionais de feno dificilmente se salvará”.

Nos anos 1970, a raça mirandesa era a população de bovinos mais numerosa no país, diz Valter. “Era uma raça ótima para trabalho e estendeu-se pelo país todo.” Com a introdução de espécies exóticas, as autóctones acabaram por decair. *O Livro Genealógico da Raça Mirandesa* é dos mais antigos do país. Já o é desde 1949, mas há registos de 1911, o que indica que “a raça está a ser trabalhada há mais de cem anos”.

Nos seus registos, existem actualmente 319 produtores desta vaca DOP, cada um com uma média de 20 fêmeas adultas. A maior

### Cotação do trigo (Jan. 21-Nov. 21) e índice de preços de meios de produção na agricultura (Jan. 21-Dez. 21)



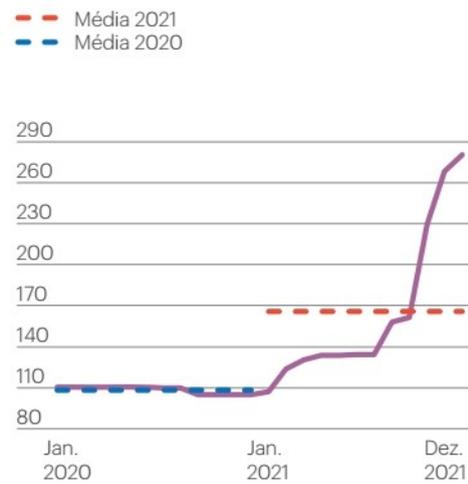
Nota: índices de preços provisórios de Out.-21 a Dez.-21 nos adubos e alimentos para animais e em Dez.-21 no gásóleo agrícola

#### Índice de preços dos meios de produção na agricultura 2015=100



Fonte: Global Economic Monitor (GEM) Commodities

#### Índice de preços de adubos 2015=100



parte dos criadores está na zona do solar da raça – em maior número no planalto do que na zona de Bragança. Como as parcelas são mais pequenas, há outras produções, como a castanha, a equilibrar a actividade. Nessa zona, é ainda mais um problema que dificulta o alargamento de produções. “É o comido pelo servido.” Lucro não se pode dizer que as explorações não dão, mas o que sobra aos produtores são sobretudo as ajudas que recebem do Estado.

Antes da pandemia, a cooperativa estava a pagar 5,50 euros por quilo da carcaça. Neste momento, está a pagar 5,25 euros, mas os

custos de produção duplicaram.

“Esta é uma raça que compensa na carne, mas em termos de velocidade de crescimento e de pesos é menor que uma raça exótica”, diz Valter. António Granjo exemplifica: “Um vitelo de raça mirandesa, com a mesma idade de outra vaca [endémica], pesa quase metade. O quilo de carne é mais valorizado, mas há menos carne. Não é competitiva.” Mas a sua produção, realça o veterinário, é uma forma de “preservar um recurso genético”.

Valter ironiza com as vacas estarem “na mó de baixo”, dada a crescente



consciencialização dos impactos que a criação de gado bovino tem, por exemplo, na emissão de gases poluentes como o metano para a atmosfera.

Ele realça que, por ali, a criação destes animais ainda é feita de forma “tradicional” e que é importante para ajudar a fixar alguma população num território cada vez mais vazio de gente. “Quem tem uma plantação de amendoal, de olival, tanto importa estar aqui, como estar em Lisboa ou no Porto. Quem tem aqui as vacas tem de estar 365 dias por ano.”

### Mel das terras frias, mel das terras quentes

Em Bragança, Guarda, no Alentejo e no Algarve, os valores de percentagem de água no solo no final de Fevereiro eram inferiores a 20%. Mas se a falta de chuva deixa bovinos, ovinos e caprinos sem pasto e com pouca água para beber, também as flores estão sem néctar para as abelhas se alimentarem, pondo em risco a produção de mel.

Por esta altura, Paulo Vilarinho, de 51 anos, já devia estar a ir buscar o mel de urze às colmeias que tem no Parque Natural de Montesinho, onde é produzida uma das maravilhas de Portugal. E o de amendoeira “às terras mais quentes”, mais a sul, onde já estão todas em flor.

O rosmaninho não tardaria a florir se houvesse mais humidade, depois as lavandas e as estevas. “As plantas têm flor. A urze na montanha está já a começar a tomar uns



tons cor-de-rosa e está ali assim sem abrir porque não tem humidade.” A explicação é simples, mas o problema difícil de solucionar: não chove e sem humidade não há néctares. E sem néctares não há mel.

Paulo tem perto de 700 colmeias, que estende também por outras partes do território para aproveitar o que a natureza dá e conseguir méis de diferentes florações.

De há uns anos para cá, a seca é sentida na produção gerida por este apicultor. “Há três anos, tivemos uma produção anormal. Há dois anos, tivemos perdas. No ano passado também e as deste ano, devem ser superiores às de anos anteriores”, vaticina. Com estas condições, a floração será curta e menos néctares as abelhas obreiras recolherão para transformar em mel. “Vai ser uma redução brutal”, teme Paulo, que conjuga essa paixão de ser um dos maiores apicultores da região com a missão de ser enfermeiro no hospital de Macedo de Cavaleiros.

Pegando em números, uma produção normal prevê que se retirem 20 quilos de mel por colmeia. Agora anda nos dez, 15 quilos. “Já cheguei a tirar, numa só zona, cinco bidões, cada um de 300 quilos. No ano passado, tirei um bidão e meio. E este ano, conforme está, nem um bidão tiro.” Os custos mantêm-se apesar da fraca produção, com tendência a aumentar porque está a ser preciso alimentar as abelhas com “suplemento”, como as glúcose. Como o Inverno tem sido quente numa terra onde as temperaturas chegavam aos dez graus



### Tornar viva a paisagem

António Granjo, à esquerda, admite que uma actividade como a pecuária é importante para fixar população numa terra cada vez mais esvaziada. Paulo Vilarinho, produtor de mel, acredita que os apicultores da região são guardiões das abelhas, insecto fundamental ao equilíbrio dos ecossistemas. Por isso, apesar das dificuldades, lutam por manter aquela paisagem viva

negativos, as abelhas estão a reproduzir-se e a aumentar a população dentro das colmeias. Sem néctares disponíveis, comem todas as reservas. “Eu estou no modo de produção biológica e ainda me sai mais caro. Mas se não alimentássemos algumas já tinham morrido com fome”, queixa-se.

Paulo faz a transumância das colmeias para ter mais “diversidade de mel”. Na zona de Vilarça e Mirandela, há mais rosmaninho e lavanda. Tira esse mel nos fins de Maio, inícios de Junho, e muda as

colmeias para a montanha para aproveitar a floração dos castanheiros. Como mora em Macedo de Cavaleiros, está sempre a percorrer grandes distâncias, sem sequer ter acesso ao gasóleo agrícola. “Se nós fôssemos a fazer contas, se calhar parávamos de trabalhar.”

O gosto pela apicultura vem do pai, quando ainda se utilizavam os cortiços, colmeias feitas de cortiça, altas, onde era difícil aceder, se as compararmos com as caixas de madeira que hoje se usam. De há duas décadas para cá, tem aumentado mais a exploração. “Tenho tentado a melhorar de ano para ano, tentar ter bom produto.”

### As abelhas e os seus “guardiões”

No país, há cerca de 700 mil colmeias a produzir mel, cerca de 20% dos apicultores nacionais detêm 70% desse total. Quer isto dizer que é uma actividade que está a deixar de ser um passatempo e a entrar “na via da profissionalização”. “Há muita gente que depende disto.” E por isso a situação preocupa Manuel Gonçalves, presidente da Associação dos Apicultores do Parque Natural de Montesinho e da Federação Nacional que os representa. Na área da montanha, estão umas 30 mil colmeias, de onde sai o mel do Parque de Montesinho, produto DOP, premiado e considerado “maravilha de Portugal”.

Na Casa do Mel, sede do Agrupamento de Produtores de Mel do Parque, em Bragança, Manuel faz as contas: manter a actividade apícola hoje custa mais 15% do que custava há dez anos. Ali trabalham com 20 produtores. Em média, com marca própria, são produzidas dez, 12 toneladas de mel embalado por ano, que exportam, por exemplo, para a Alemanha. Com a falta de néctar descrita por Paulo, Manuel estima que os apicultores tenham de alimentar artificialmente as colmeias, com um investimento mínimo de três euros por colmeia por mês. “Este é o cenário nacional. Vai ser pior nas zonas a sul, embora não tenham tantas quebras de temperatura, mas podem ter grandes perdas pela seca.”

Como o ciclo de produção do mel é muito curto, entre Fevereiro e Maio, há pouco tempo para recuperar, sobretudo se a estas temperaturas mais quentes se seguirem semanas de frio intenso, em que as abelhas não saem em busca de alimento e acabam por esgotar as reservas.

Além de tirarem rendimentos do trabalho das obreiras, comandadas pela sua rainha, os apicultores sentem que são também “guardiões” destes insectos tão importantes para o equilíbrio dos ecossistemas e em franco decréscimo por causa de fertilizantes químicos, pesticidas e predadores. “Deixa de haver polinizadores se os apicultores desistirem.”

Nos apiários da escola agrícola, estão lá umas pequenas placas com o tratamento para a varroose, uma doença da abelha melífera – responsável pela produção do mel – causada por um parasita. “Se não tratássemos dessa doença, não existiam abelhas”, sublinha Paulo.

Quando faz noites no hospital, o enfermeiro passa em casa, toma um banho, come e parte para as suas colmeias. Pode ver-se nele, como em Francisco, Alfredo e Filomena, Cláudia ou António, a vontade de não perder um negócio, é certo, mas também a missão de tornar viva uma paisagem.

**Portfólio** O avanço das tropas russas sobre a cidade de Odessa parece uma inevitabilidade. Enquanto os combates não chegam à mítica cidade costeira do Sul da Ucrânia, é tempo de mulheres e crianças partirem

Por **Salwan Georges**  
fotografia e **Bryan Pietsch** texto  
*The Washington Post*



Um milhão de crianças fugiu da Ucrânia. Na despedida, uma estação de comboios é assim





**A** invasão russa da Ucrânia provocou a saída de mais de dois milhões de pessoas do país, segundo dados recolhidos pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. É um êxodo histórico, alerta a ONU: o número de refugiados que saiu da Ucrânia em menos de duas semanas é igual ao fluxo de refugiados, principalmente sírios, para a Europa em 2015 e 2016.

Entre os que fugiram da Ucrânia estão um milhão de crianças, de acordo com James Elder, porta-voz do Unicef.

Estas fotografias foram captadas na última semana na cidade costeira ucraniana de Odessa, onde mulheres e crianças se despediram daqueles que ficaram para trás, incluindo os homens que estão proibidos de sair do país e aqueles que lutam contra a invasão.

Cerca de um quarto dos dois milhões de refugiados que abandonaram a Ucrânia desde o início da invasão russa, a 24 de Fevereiro, partiram em apenas dois dias da última semana.

O êxodo pode chegar a quatro milhões de pessoas até ao fim da guerra, de acordo com uma estimativa das Nações Unidas, ou seja, cerca de 10% da população da Ucrânia.

Por outro lado, estima-se que existam milhões de pessoas deslocadas dentro da Ucrânia, embora este número seja difícil de determinar. A Rússia tem bombardeado prédios, bairros e equipamentos civis, incluindo maternidades e hospitais pediátricos, nos seus ataques, um alvo que segundo Ministério da Defesa do Reino Unido terá como objectivo quebrar o moral ucraniano.

Nesta estação de comboios em Odessa – no extremo Sul da Ucrânia, junto ao mar Negro – mulheres e crianças apressam-se para embarcar nas composições com destino a Lviv, no Oeste do país, perto da fronteira com a Polónia.

“Nunca enfrentámos uma crise de refugiados com esta velocidade e com esta escala”, sublinhou James Elder. Trata-se da crise de refugiados mais rápida desde a II Guerra Mundial.

A maior parte destes deslocados fica nos países vizinhos da Ucrânia: Hungria, Polónia, Roménia e Moldova. Contudo, a maioria fugiu para a Polónia, que conta já com 1,3 milhões de refugiados, segundo dados da Guarda Fronteiriça deste país da União Europeia.

**Exclusivo PÚBLICO/  
The Washington Post**



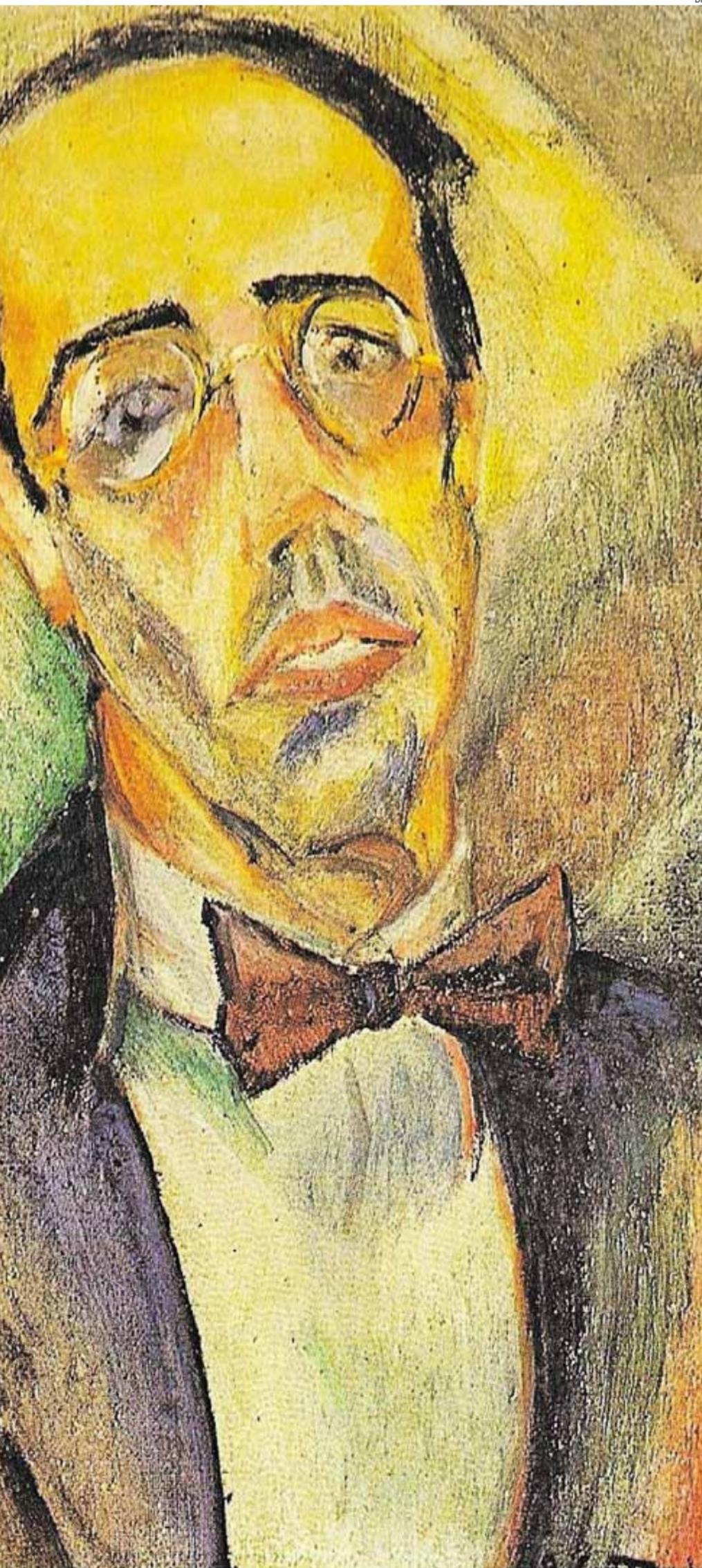
# O Brasil explodiu há cem anos!

## Mário de Andrade e a Semana de 22

A Semana de Arte Moderna, entre 13 e 17 de fevereiro de 1922, em São Paulo, confrontou o romantismo dominante com as vanguardas do novo século. Cem anos decorridos e revisitando um dos seus mentores – Mário de Andrade –, perguntamos: que novos povos surgiram com a explosão do velho Brasil?

*Por João Sousa Cardoso, em São Paulo*





Quando chego a São Paulo, a cidade mais vibrante do Brasil, povoada de misérias e milionária, a Nova Iorque do Sul sobrevoada por helicópteros, assalta-me invariavelmente a estranha cantiga que o carioca de adoção que é Caetano Veloso lhe dedicou:

“Alguma coisa acontece no meu coração/ Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João/ É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi/ Da dura poesia concreta de tuas esquinas/ Da deselegância discreta de tuas meninas (...) E quem vem de outro sonho feliz de cidade/ Aprende depressa a chamar-te de realidade/ Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso.” (1)

Nascida em 1554 por iniciativa de um punhado de jesuítas que fundam um colégio no cimo de uma escarpa no planalto do Piratininga, entre os rios Tietê, Anhangabaú e Tamandua-teí, particularmente protegida dos ataques de povos indígenas resistentes à ocupação – e evangelização – dos seus territórios, São Paulo é hoje uma megalópole de betão com os passeios rebentados pelas raízes das árvores que há muito deixaram de ser espécimes da mata Atlântica.

Durante séculos, os proprietários rurais de São Paulo, região muito pobre do território colonial português nas Américas e afastada da costa, sem capacidade para negociar trabalhadores escravizados africanos, converteram-se ao pequeno comércio ou tornaram-se os primeiros bandeirantes, aventurando-se pelo interior à caça de índios, ouro, prata e diamantes.

A descoberta de ouro em Minas Gerais e depois na região de Goiás e Mato Grosso, entre os séculos XVII e XVIII, exigiu uma nova atenção do reino relativamente a São Paulo, enquanto os bandeirantes haviam avançado – e continuariam a avançar cobiçosamente –, muito para além dos limites da divisão acordada pelo Tratado de Tordesilhas entre Portugal e Espanha.

O território brasileiro expandiu-se pelo continente adentro por iniciativa particular dos campeadores e garimpeiros, iletrados que ignoravam a lei e a coroa. Gilberto Freyre explica com exatidão, em *Casa-Grande & Senzala*, essa formação espontânea, popular e imprevisível das fronteiras do Brasil.

Quando o ciclo do ouro se esgotou, os aventureiros travestiram-se em senhores da cana-de-açúcar. As vastas plantações produziam açúcar em quantidade para exportação a partir do porto de Santos, tornado acessível pela construção da Calçada de Lorena.

Com a independência do Brasil, em 1822, a cidade de São Paulo desenvolvia-se e acolheria no Convento de São Francisco a escola dos estudos jurídicos (na origem da prestigiada Faculdade de Direito de que Oswald de Andrade zombaria como a caixa de ressonância da mofenta Universidade de Coimbra), atraindo estudantes e professores, contribuindo decisivamente para o progresso da urbanidade, denominada agora Imperial Cidade e Burgo dos Estudantes de São Paulo de Piratininga.

Mas seriam as plantações de café, apoiadas no transporte dos sacos de grão pela novidade da ferrovia, o grande motor do florescimento económico do estado de São Paulo e o motivo de atração de uma grande vaga de imigração italiana. Era a primeira explosão demográfica. E a música do *Bel Paese* coloriu a língua portuguesa cantada entre os paulistas, ainda hoje distinta do sotaque dos outros estados. Soman-

do vagas migratórias providas da Europa e da Ásia, São Paulo duplicaria a população em 1890, surgindo como nova metrópole industrial na viragem do século XX.

Em 1922, no ano da comemoração do centenário da independência do Brasil e no contexto eufórico de uma cidade que alcançava os 2 milhões de habitantes, o secreto Mário de Andrade e o extravagante Oswald de Andrade (amigos sem parentesco) organizaram a Semana de Arte Moderna, reunindo um grupo de artistas plásticos, poetas e músicos informados pelas vanguardas europeia e norte-americana.

A Semana de Arte Moderna decorreu no Teatro Municipal de São Paulo entre 13 e 17 de fevereiro de 1922. E com ela soou o toque de alarme no coração de uma sociedade entorpecida no gosto romântico, simbolista e decadentista finissecular, sob influência francesa, clamando por uma emancipação estética no novo século.

### Instante fundador

A Semana de 22 – como ficará conhecida – é o instante fundador de uma consciência cultural e a gênese da arte moderna brasileira, na sua busca de fundamentos nas profundezas do continente (desconhecido na urbanidade e desconsiderado pelas instituições), reconhecendo a sua idiossincrasia na miscigenação entre as culturas indígenas, as culturas afro-diaspóricas e todas as culturas migrantes, atualizando os seus repertórios, recuperando a alteridade poética, reinventando linguagens específicas. Descolonizando-se. Com a Semana de 22, explodiu o Brasil do século XX.

A convite da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e representando a Universidade Lusófona (UL), tive a oportunidade de participar no seminário Brasil 22: Centenário da Semana de Arte Moderna, entre 14 e 18 de fevereiro, em São Paulo. Decorridos exatamente cem anos sobre a Semana de 22, multiplicam-se neste momento os debates sobre a sua efetiva relevância histórica, a efabulação das narrativas mitificadoras, a omissão dos antecedentes ou de movimentos modernos simultâneos na dispersa geografia do país, os objetivos limites do acontecimento e a avaliação do seu lastro no século brasileiro, na mobilização de perspectivas críticas para uma análise contemporânea repolitizada.

Os investigadores problematizam, ainda, a reduzida presença de artistas mulheres e a ausência de artistas afrodescendentes e de origem ameríndia na Semana de Arte Moderna, denunciando uma iniciativa organizada por “quatrocentões” (termo da época para identificar “os primeiros povoadores”, os fundadores da cidade havia 400 anos e a oligarquia das famílias de tradição), concertada com o poder político no seio de uma elite social, económica e cultural.

Mas de que insatisfação brota a Semana de Arte Moderna?

Como Almada Negreiros defendera, em Portugal, Amadeo de Souza-Cardoso, aquando da sua exposição na Liga Naval, em Lisboa, em 1916, afirmando a sua pintura como a maior descoberta no Portugal do século XX, mais importante que a descoberta do caminho marítimo para a Índia; também no Brasil, Mário de Andrade saiu em defesa da pintura expressionista de Anita Malfatti, regressada de Nova Iorque, aquando da sua primeira exposição em São Paulo, em 1917.

A mostra suscitou uma violenta crítica por Monteiro Lobato intitulada “Paranoia ou Mistificação?” no jornal *O Estado de São Pau-* →

lo, incendiando o debate sobre a arte moderna. A pintora ganharia o epíteto “Anita Mal Feita”. Mas Mário de Andrade não defendeu apenas o fauvismo de Anita Malfatti: comprou para a sua coleção pessoal a tela *O Homem Amarelo* (1915), pintura celebrada do modernismo de primeira hora e atualmente no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Incitada pela oposição entre passadistas e modernos, a Semana de 22 foi um festival inspirado na *Semaine de Fêtes de Deauville*, com o patrocínio do mecenas Paulo Prado (herdeiro do café e investidor na banca, na indústria e no imobiliário) e a caução do influente escritor e diplomata Graça Aranha (que proferiu “A emoção estética da Arte Moderna” como conferência de abertura), lançando o repto à sociedade paulista, industrializada, próspera e presa a valores estéticos saturados.

O chamado Grupo dos Cinco funcionou como o núcleo organizativo da Semana de 22 e associava Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Menotti del Picchia e Tarsila do Amaral, apesar desta última não integrar a exposição, por se encontrar em Paris. A eles se juntaram o pintor Di Cavalcanti, o escultor Víctor Brecheret, os escritores e poetas Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Tácio de Almeida, Agenor Fernandes Barbosa, Plínio Salgado e o compositor Heitor Villa-Lobos.

### “Eu insulto o burguês!”

A Semana consistiu numa exposição que reunia uma centena de obras (pintura, escultura, desenho, maquetes de arquitetura) patente entre segunda-feira (13) e sexta-feira (17), acompanhada de um programa de conferências, recitais e espetáculos que animaram duas noites (13 e 17) e uma tarde (15). Nem todas as obras da exposição seriam modernas e os concertos incluíram peças consagradas do romantismo e de Claude Debussy, mas a estética do confronto atravessava o programa, resgatando o primitivismo, as culturas populares, a exaltação da oralidade nas conferências e nos recitais.

Mário de Andrade terá lido *Pauliceia Desvairada*, hino à metrópole caleidoscópica, numa rapsódia futurista em verso livre e incendiária: “Eu insulto o burguês! O burguês-niquel! O burguês-burguês! (...) Morte à gordura, morte às adiposidades cerebrais, morte ao burguês-mensal! (...) Ódio aos temperamentos regulares, ódio aos relógios musculares, ódio à soma, ódio aos secos e molhados!”, só comparável a *A Cena do Ódio* de Almada Negreiros, o protesto de 1915 (publicado em 1923).

É lendária a reação do público, manifestando o repúdio com latidos, grunhidos e relinchos, que se repetiu quando Ronald de Carvalho lia o poema *Os Sapos* de Manuel Bandeira (numa provocação ao parnasianismo) e o coro dos espectadores se sobrepôs à leitura. Valerá recordar que Ronald de Carvalho havia sido, com Luiz de Montalvor em Lisboa, o editor no Rio de Janeiro da revista luso-brasileira de literatura moderna *Orpheu*, ambos responsáveis pelo primeiro número, lançado em 1915, com as contribuições de Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. O número 2 teria como editores Pessoa e Sá-Carneiro, originando o terremoto nos círculos intelectuais da capital portuguesa que conhecemos.

Na última noite da Semana de Arte Moderna, Heitor Villa-Lobos apresentou-se ainda de casa para dirigir a orquestra, mas calçava um sapato num pé e um chinelo no outro, o que foi tomado pela plateia como mais um gesto



futurista de afronta ao público burguês que o vaiou longa e impiedosamente. Villa-Lobos explicaria, mais tarde, que padecia naquela noite de um calo inflamado. Naqueles dias de sobressalto, o eco crítico da imprensa foi maioritariamente hostil aos trabalhos apresentados na Semana de 22, referindo-se aos artistas como “espíritos cretinos e débeis”, “futuristas endiabrados” e “subversores da arte”.

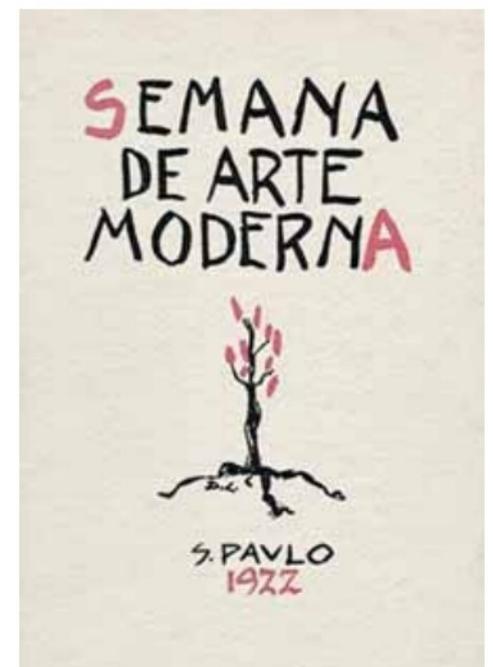
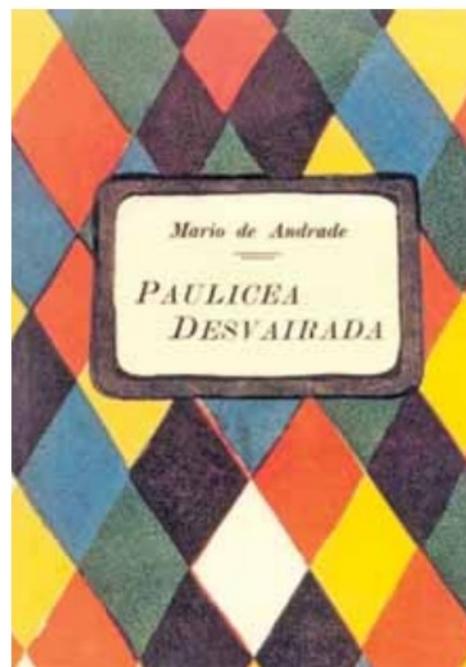
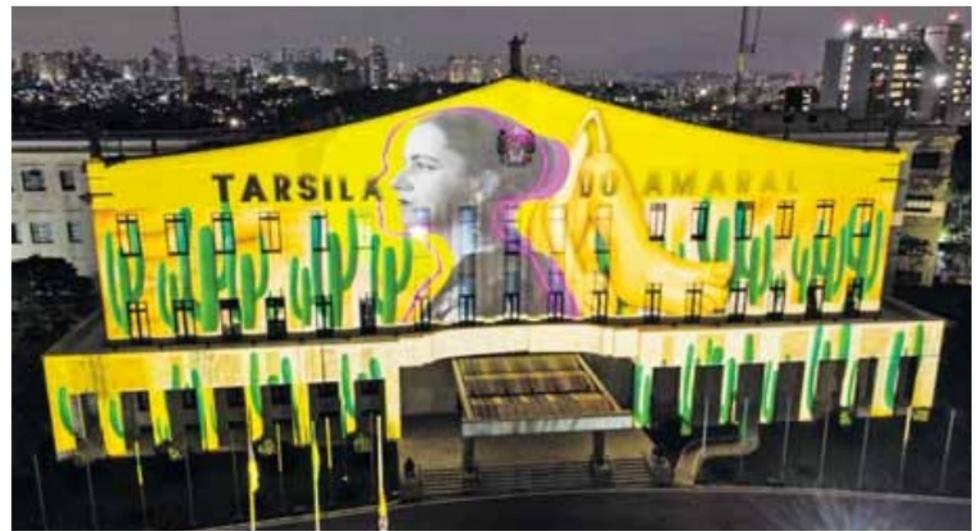
### Muitos Mários de Andrade

No meu primeiro dia em São Paulo, e antes da intervenção no seminário organizado pela PUC, visitei a casa-museu de Mário de Andrade, por sugestão de um amigo, distante apenas alguns quarteirões do restaurante onde almoçávamos, na Barra Funda. E a personagem patrimonial de Mário de Andrade, o autor de *Pauliceia Desvairada* (publicado no final daquele ano de 1922), o catalisador da modernidade – com Oswald de Andrade – no Brasil, apresentou-se-me em doméstica humanidade.

Andrade habitou a vivenda em alvenaria de tijolos e modestas dimensões, entre 1921 e 1945, acompanhado pela mãe, a tia-madrinha e uma prima, além de Bastiana, a cozinheira negra e dançarina de corta-jaca, que o iniciou nas culturas afro-brasileiras. Demorei-me na salinha, com o piano de parede onde o professor do Conservatório de Música recebia estudantes para aulas particulares, que compunham o salário mensal; vi fotografias de dias balneares e felizes em família; relatos sobre as tertúlias dos modernos nas noites de quinta-feira no salão, acompanhados por músicos e um “alcoozinho económico”; li enfim sobre as novas abordagens historiográficas dedicadas a Mário de Andrade.

Existem muitos Mários de Andrade (“eu sou trezentos” avisava num poema). O artista autodidata, o ator disciplinarmente desenquadrado, o polímata movido pela infinita curiosidade (“erudito” é um termo depreciativo no vocabulário de Andrade) que foi musicólogo, compositor, historiador de arte, poeta, contista, romancista, crítico em jornais e revistas, fotógrafo, pioneiro da etnomusicologia e fundador da Sociedade de Etnografia e Folclore, encontra-se ainda por estudar em toda a extensão da sua obra. Entre as novas historiografias em curso, interessaram-me particularmente quatro linhas de pesquisa.

A primeira linha resgata a negritude de Mário de Andrade, ocultada pela narrativa que erigiu como homem branco o mentor da mo-



### Modernos

Na página anterior, *Mário de Andrade I* (1921), de Anita Malfatti. No topo, “Grupo dos Cinco”: Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. No meio, Palácio dos Bandeirantes na comemoração dos cem anos da Semana de 22. Em cima, frontispício de *Pauliceia Desvairada* (1922) e folheto da Semana de 22

modernidade brasileira. Tanto do lado materno como do paterno, a criança tinha mulheres negras por avós, o que instiga a um exame atualizado sobre o itinerário intelectual e o posicionamento cívico do homem racializado. Mário de Andrade terá recusado o convite de António Ferro e do Secretariado de Propaganda Nacional do Estado Novo para visitar Portugal, em 1936, não apenas pelo repúdio a qualquer regime totalitário, mas pelo evitamento da discriminação étnica que

FOTOGRAFIAS: DR



“

*A Semana de 22  
continua e São  
Paulo, a pauliceia  
desvairada,  
tecnológica  
e arcaica,  
desconexa e global*

sempre o inibiu de viajar no estrangeiro.

A segunda linha de estudo respeita à sexualidade de Mário de Andrade, mantida por longo tempo sob o manto do não dito nos estudos académicos. Mário de Andrade era sistematicamente descrito como solitário, casto ou assexuado. Embora Andrade não fosse abertamente *gay* e se reconhecesse como pansexual, muitos amigos relataram após a sua morte que estaria sexualmente interessado em homens.

Teria sido, aliás, por uma acusação, sob pseudónimo, de efeminação (uma ofensa outrora) que Mário de Andrade haveria rompido, em 1929, com Oswald de Andrade. Este último ironizara que Mário se “parecia com Oscar Wilde por detrás”. Recentemente, em 2015, a Fundação Casa de Rui Barbosa disponibilizou para consulta pública uma carta escrita por Mário de Andrade ao amigo Manuel Bandeira, de 7 de abril de 1928, na qual discorre a respeito da fama de homossexual, dos amores platónicos e dos companheiros. A carta, que mereceu ampla divulgação na imprensa, consta até à data como o mais generoso testemunho sobre a orientação sexual do autor do romance *Amor, Verbo Intransitivo* (1927) e de como racionalizava essa condição.

O apetite canibal e a ambivalência ontológica do protagonista de *Macunaíma: o herói sem nenhum carácter* (1928) que repete “Ai que preguiça” (toada lânguida de satisfação) oferecem-se agora num novo quadro sintomático e semântico, articulando o ensaio antropológico, a etnicidade do autor, as suas disposições sexuais e a violência da repressão pelos constrangimentos morais da época. Ao mesmo tempo que *Macunaíma* inaugura a dissonância, a expansão das categorias e a transversalidade das linguagens como operações fundamentais da modernidade.

A terceira das dimensões é a atividade fotográfica. Havendo participado em expedições pelo Norte, Nordeste e Amazonas, entre 1927 e 1929, recriando as expedições oitocentistas de carácter científico lideradas por equipas de geógrafos, botânicos e etnólogos europeus, Mário de Andrade relatou as paisagens e os costumes nativos em *O Turista Aprendiz*, em crónicas publicadas no jornal *O Diário Nacional*, introdução ao leitor urbano dos labirintos do Brasil indígena. O texto compósito hibridizando registos (o diário, a crónica, a notação etnográfica, a ficção) era frequentemente ilustrado por fotografias do autor. O *corpus* de imagens revela um amador com uma aguda consciência do *médium*, concentrado simulta-

neamente no rigor antropológico e experimentando os valores formalistas da fotografia moderna (admirador de László Moholy-Nagy, interessava-se pela mancha, *o flou*, as sombras). Distinguímos os auto-retratos; os jogos construtivistas em volta dos mastros das embarcações; um estendal com lençóis insuflados pelo vento (*Roupas freudianas*); um pescador que lança as redes (*Futurismo pingando*); e o retrato contrapicado sobre o corpo vigoroso de um trabalhador suspenso numa escada titulado,



com humor, *O mateiro Eduardo bancando o seringueiro pra objetiva ver*.

A quarta linha de pesquisa respeita a análise das funções públicas que desempenhou, nomeadamente, no cargo de diretor-fundador do Departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura Municipal de São Paulo, entre 1935 e 1937. Concretizou aí uma visão política e integrada da modernidade, entre os inquéritos demográficos, a edição, a consolidação da biblioteca municipal, as “bibliotecas circulantes”, o cinema ambulante e a animação dos jardins. Coordenou novas missões de pesquisa folclórica no interior do país destinadas à recolha etnográfica junto dos povos indígenas e das culturas populares, numa abordagem extensa e inclusiva (sem *a priori* estéticos), material que viria a constituir o acervo da Discoteca Municipal, “provavelmente a maior e mais bem organizada em todo o hemisfério sul”.

Ciente da importância da comunicação nas sociedades modernas, o Departamento de Cultura integrava uma secção de iconografia, responsável pelo registo de todas as atividades, produzindo a documentação fotográfica indispensável à mediatização das novas práticas e dos novos valores. Viabilizou ainda financiamento aos etnólogos franceses Dina e Claude Lévi-Strauss que acompanhou num projeto cinematográfico no Mato Grosso e na Rondônia. A energia que depositava nas funções oficiais ecoava o entusiasmo das suas expedições nos anos 1920, sendo uma das últimas alegremente intitulada “Viagem pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e pelo Marajó até dizer chega!”.

#### Mário e a fotografia

A obra fotográfica de Mário de Andrade tem merecido atenção redobrada. Muitos dos seus textos sobre expedições pelo Norte, Nordeste e Amazonas, entre 1927 e 1929, recriando as viagens oitocentistas de carácter científico lideradas por equipas de geógrafos, botânicos e etnólogos europeus, foram acompanhados por fotografias da sua autoria

#### O vulcão

Mário de Andrade faleceu prematuramente em 1945, vítima de ataque cardíaco, aos 51 anos, e com ele um certo modernismo. Seria necessário aguardar pela poesia concreta dos anos 1950 e a geração seguinte, a eclosão do tropicalismo na música, de Hélio Oiticica, Lygia Clark e Lygia Pape nas artes visuais, do cinema de Glauber Rocha para que o seu legado fosse reclamado e se visse continuado.

Se a exaltação de Oswald de Andrade em *Pau-Brasil* (1925) e *Manifesto Antropófago* (1928) deixaram nódoa no pano da cultura contemporânea brasileira, Mário de Andrade é a figura lunar e vulcânica a resgatar para além do exultante espetáculo do modernismo, no poliedro duma obra onde convergiram as práticas de investigação no terreno, a teorização estética, a criação transdisciplinar e a dinamização política. A partir da década de 1950, São Paulo tornar-se-ia a selva de arranha-céus com centro financeiro na Avenida Paulista, promovida como “A cidade que não pode parar”, alcançando no início dos anos 1960 quatro milhões de habitantes.

A portuguesa Agustina Bessa-Luís, em 1989, descrevia-a nestes termos: “Não é a cidade mais feia do mundo, com todas as desvantagens de Calcutá e sem as vantagens de Tóquio. Longe disso: a primeira impressão é a de termos aceso a uma cidade flutuante. O edifício Copan parece flutuar, e dizem que só um arquiteto comunista (Oscar Niemeyer) teria aquela ideia de uma bandeira de cimento a ondular ao vento.” (2) Mas Agustina adverte na abertura do texto: “Não fomos a São Paulo.” Nove anos depois, escreveria “São Paulo aos Paulistas” (1998), encantada com o talento de Caetano Veloso no palco do Palace, constatando que “as vivendas são agora *stands* de vendas” e imaginando que entre colunatas e pórticos “uma Medeia podia aparecer vestida de *jeans* brancos. Mas não aparece, que o clássico não é democrático”. (3)

Consta que, com a pandemia, a população dos “moradores de rua” em São Paulo aumentou em 30%. Convivi com os ajuntamentos de sem-abrigo pela cidade onde pernoitam entre tendas, papelão e lixo nas praças nobres, nas avenidas, por baixo das pontes, dos viadutos e do Minhocão, nas portas dos edifícios. Ao lado da Estação Júlio Prestes e da extraordinária Sala São Paulo, onde assistimos à *Sinfonia dos Orixás* do compositor erudito José António Almeida Prado (1943-2010) –, a Cracolândia surge como cratera povoada por uma multidão de humanos escalavrados pela fome e pela toxicodependência, vagueando sem horário nem destino e cujas leis enigmáticas de existência são orquestradas por máfias, corporações de *dealers* e governos municipais através da polícia, num clima de guerra civil e morte.

A rutura com os poderes hegemónicos e a abertura transcultural que a modernidade – erótica, tribal e política – inaugurou há cem anos enfrentou o fosso entre as classes, a mundividência colonial e a cultura da dominação, fazendo radicar no *concreto da experiência* todo o engenho contra a parcialidade dos idealismos, o abuso da abstração normativa e a lei da força, ensinando que a fraternidade entre os povos é sábia e vence o egoísmo dos estados. A Semana de 22 – de que não imagens – continua e São Paulo, a *pauliceia desvairada*, tecnológica e arcaica, desconexa e global; a cidade de Rita Lee continua o avesso do avesso do avesso do avesso.

1. *Sampa*, letra e música de Caetano Veloso, 1978.

2. BESSA-LUÍS, Agustina, *Breviário do Brasil*, Lisboa: Guimarães Editores, 2013, p. 136.

3. *Ibid.*, p. 225.

Uma pintura com o título *Os Comprimidos de Largactil*, produzida por um paciente anónimo no Hospital Psiquiátrico Miguel Bombarda (1848-2012), pelo seu rebuscamento plástico, um óleo sobre madeira de pequeno formato quadrangular, atraiu a minha atenção. A pintura é complementada com texto dactilografado das palavras de interpretação da obra pelo seu autor, que transforma os dois “documentos” em provas sobre experiência psiquiátrica do sujeito. No que é representado e escrito, o autor projecta um momento essencial da rotina hospitalar: a da toma da medicação e os efeitos dessa toma no sujeito. Sem o saber, o título da obra lembra-nos a “revolução” ocorrida na psiquiatria do século XX, em parte devida à descoberta da clorpromazina (CPZ).

O uso desta droga está associado ao nome do fisiologista e cirurgião naval e francês Henri Laborit (1914-1995) e à investigação que este desenvolveu sobre a “hibernação artificial” (1952). A clorpromazina foi depois generalizada por médicos psiquiatras no tratamento dos estados de agitação psíquica. Alguns, de modo laudatório, consideraram que a CPZ marcou o princípio do fim dos manicómios, contribuindo para o “decréscimo” do número dos doentes internados (Jeffrey Lieberman, *Psiquiatras – Uma História por Contar*, Temas e Debates, Lisboa, 2015).

Largactil é o acrónimo de Large Action (1952), na Europa, o nome comercial encontrado pela farmacêutica Rhône Poulenc. Nos Estados Unidos da América, é conhecido como Thorazine. Em meio psiquiátrico foi, pela primeira vez, introduzido no Hospital de Saint-Anne de Paris por Jean Delay (1907-1987) e Paul Deniker (1917-1998). Delay chamou “neurolítico” (hibernação) a este método sobre o qual, durante vários anos, foram organizados múltiplos simpósios e escritas muitas páginas em revistas de Psiquiatria.

Referindo-se ao ambiente vivido no pavilhão que, em Saint-Anne, o seu assistente Pierre Deniker dirigia, Jean Delay escreveu algures que: “A fúria e a violência deram lugar à calma e à paz e os resultados com a CPZ podiam ser medidos no hospital em decibéis, registados antes e depois da sua administração.”

Em Portugal, a primeira referência ao uso deste fármaco surge num artigo publicado em 1955, dos psiquiatras Fragoço Mendes (1922-1981) e Pistacchini Galvão (1925-2017), ambos associados à Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Lisboa (Hospital Júlio de Matos), cujo director era o professor Barahona Fernandes (1907-1992).

Na segunda metade da década de 1950, a publicidade ao Largactil é feita nas páginas do prestigiado *Jornal do Médico*. No artigo acima referido, com o título “Experiência clínica com a clorpromazina (4560 R.P.) em psicoses” (1955), Mendes e Galvão acentuavam os benefícios da administração do novo fármaco porque “não só acalmava os doentes, como os tornava mais acessíveis à terapêutica convulsionante”, além de, socialmente, os tornar mais aptos para as actividades de ergoterapia promovidas nos hospitais psiquiátricos nacionais.

Outros psiquiatras consideraram que os pacientes tratados com a clorpromazina agiam como se tivessem sido “quimicamente lobotomizados”. Mas a analogia à lobotomia foi sendo mitigada pela forma “espectacular” como o fármaco actuava sobre a melhoria,



## Comprimidos de Largactil: hibernar a mente?

Na I Exposição de Artes Psicopatológicas do Hospital Miguel Bombarda, em 1963, foi apresentado o quadro *Os Comprimidos de Largactil*, feito por um dos seus pacientes e desde então nunca mais visto em público. Uma investigação recente liga esta pintura a um texto singular, do qual transparece uma “crítica” da Psiquiatria

Por João Pedro Fróis

### A toma

O texto de interpretação da pintura é uma descrição concisa do acto da toma do medicamento e, mais ainda, sobre os seus efeitos. Do autor desta pintura, que está numa colecção privada, são conhecidas duas obras com o mesmo formato e estilo plástico

por exemplo, dos sintomas positivos e negativos da esquizofrenia, sem, no entanto, a tratar, por não possuir qualquer propriedade antipsicótica específica. A CPZ, de facto, foi o neuroléptico mais recetado em várias décadas na Europa e nos EUA.

### Esforço criador

A pintura *Os Comprimidos de Largactil*, objecto deste artigo, encontra-se identificada no folheto da I Exposição de Artes Psicopatológicas (1963) organizada no Hospital Miguel Bombarda. Nesse folheto, ao título da obra é associada a entidade nosológica atribuída ao autor da obra: esquizofrenia paranóide. No texto introdutório do folheto, os organizadores da exposição escreveram: “... os trabalhos expostos são livremente executados pelos nossos doentes em regime de terapêutica ocupacional. O fim da nossa exposição é mostrar ao público que o doente mental não é um protótipo de ruína humana como geralmente se pensa mas um indivíduo capaz de realizar um esforço criador.”

Na exposição foram mostrados 102 trabalhos, parte deles conservados no “acervo artístico” do hospital; outros foram vendidos durante a mostra. No Hospital Miguel Bombarda, o livro *L'Art Psychopathologique* (1956), do psiquiatra Robert Volmat (1920-1998), foi lido com interesse, nos primórdios dos anos 1960, por alguns colaboradores, psiquiatras e terapeutas. Este livro suscitou a recolha e incremento de actividades de criação plástica considerados como “material laboratorial” para a compreensão das doenças mentais.

O interesse pelas produções artísticas espontâneas dos “loucos” viu luz, em Portugal, na viragem do século XIX para o século XX, pelo médico, escritor e crítico literário português Júlio Dantas (1876-1962). A sua tese *Pintores e Poetas de Rilhafoles* (1900), trabalho pioneiro no contexto europeu, foi influenciada pelas interpretações do psiquiatra e antropólogo americano Aleš Hrdlička (1869-1943).

A figura tutelar da psiquiatria portuguesa Miguel Bombarda (1851-1910), orientador de Dantas, escreveu sobre este tópico em “Arte e Manicómios” (*AMedicina Contemporânea*, 1900). Bombarda usou as obras plásticas e os textos dos doentes mentais no seu *Curso Livre de Psiquiatria*. Para Bombarda, Dantas ou Cesare Lombroso (1835-1909), as obras dos “alienados” eram destituídas de mérito artístico; o seu valor seria aceitável se os trabalhos servissem como complemento ao diagnóstico da perturbação mental e, como Dantas propunha, se adequassem à educação dos críticos de arte.

### Os comprimidos “pelas costas”

A pintura *Os Comprimidos de Largactil* foi produzida num tempo em que o referencial da

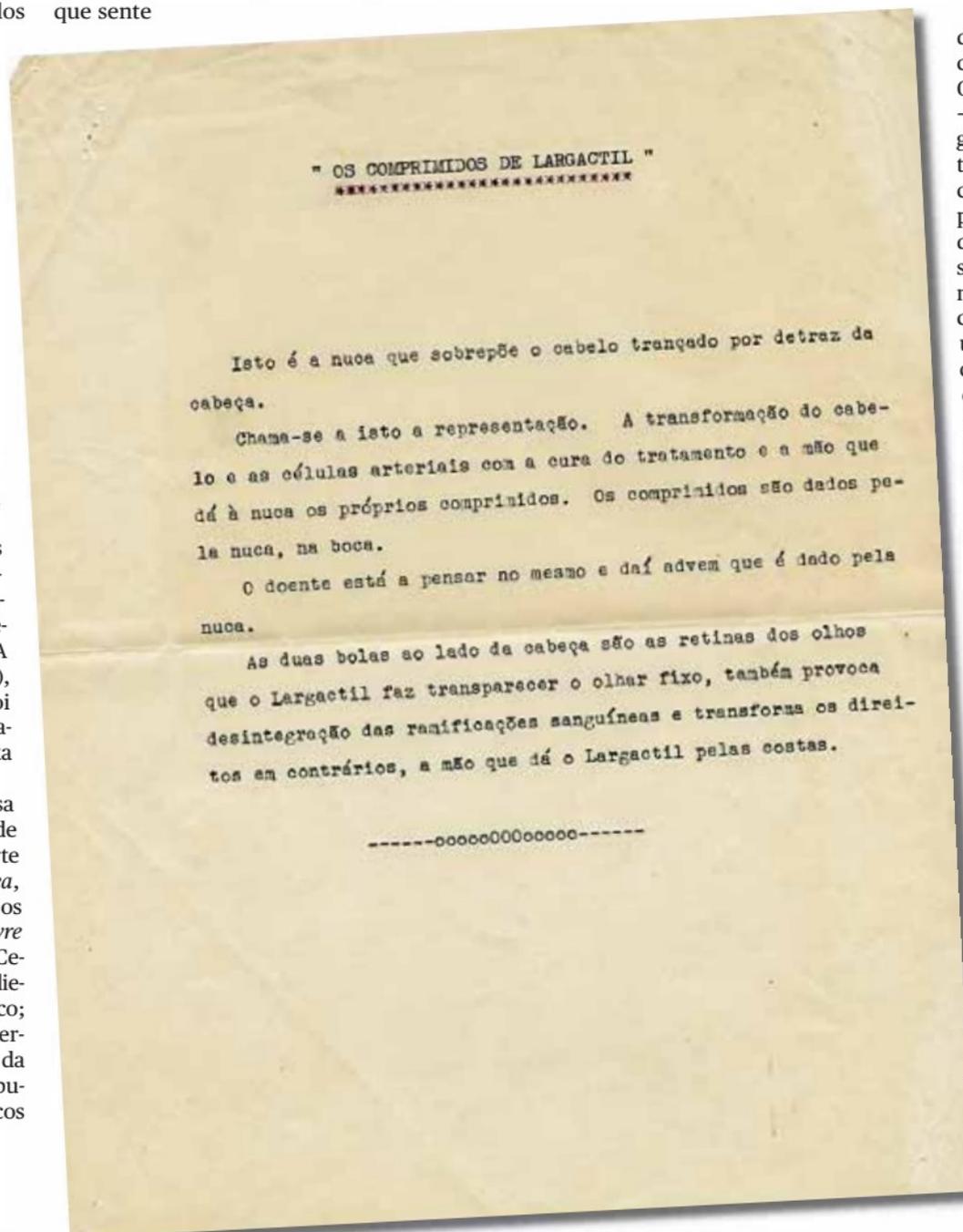
“arte psicopatológica” estava muito activo em França e os estudos experimentais sobre este tema despontavam em Portugal. A expressão escrita, verbal e pictórica estaria em linha directa com as nosologias propostas para as doenças mentais – um *quase-reflexo* da patologia sem, no entanto, pertencerem ao *mundo da História da Arte*. As obras plásticas produzidas como as que aqui se mostram foram, quase sempre, tratadas como “documentos” e não como obras de arte.

Do autor da pintura são conhecidas duas obras com o mesmo formato e estilo plástico, ambas adquiridas durante a mencionada exposição no Hospital Bombarda. A outra pintura representa uma enfermeira nua, com os dispositivos de electrochoques nas mãos. Não sabemos o nome do autor nem há dados supletivos sobre a sua biografia e, menos ainda, sobre as razões que levaram ao seu internamento psiquiátrico. O que é particularmente notável é a pintura ser acompanhada por uma descrição do doente, dactilografada por um enfermeiro.

Nestes dois “documentos” – pintura e texto –, transparece uma “crítica” da Psiquiatria. Esta “crítica” brota da expressão do humor, do prazer que o uso e alívio da tensão permitem ao sujeito quando discursa textualmente e pictograficamente sobre um medicamento que não apenas *trata por tu* mas que revela o que sente



O fim da nossa exposição é mostrar ao público que o doente mental não é um protótipo de ruína humana como geralmente se pensa mas um indivíduo capaz de realizar um esforço criador  
I Exposição de Artes Psicopatológicas



quando este actua em si. Escreveu Sigmund Freud: “O humor não é resignado – é rebelde. Não significa apenas o triunfo do ego, mas igualmente o do princípio do prazer que aqui consegue pronunciar-se contra as condições desfavoráveis da realidade” (*Der Humor*, Almanach, 1927).

A pintura e o texto ilustram este humor e tensão emocional vivida e projectada do seu actor, a que Freud se refere. O plano recuado da pintura faz alusão a uma parede organizada por pequenos quadrados que poderá ser também referência às grades do espaço de confinamento. É uma obra racional e elaborada nos seus detalhes. No primeiro plano, surge uma figura feminina, que poderá ser uma representação da pessoa com “autoridade” para executar a rotina da administração da medicação, escolhida para a revelação do “escárnio”.

A cabeça da figura tem penteado com franja e da boca sai uma língua vermelha. Por debaixo do queixo surge uma configuração triangular branca, com uma linha de contorno amarela; talvez seja o decote do vestido azulado da figura. Na mão esquerda, segura dois objectos circulares brancos, representação dos comprimidos de Largactil. Os detalhes da mão são impressionantes no modo quase impecável como é representada. A pintura, no seu todo, revela talento artístico do autor.

O texto de interpretação da pintura é uma descrição concisa do acto da toma do medicamento e, mais ainda, sobre os seus efeitos. Como se se tratasse de um acto sub-reptício – a mão dá “à nuca” os comprimidos de Largactil “pelas costas” e não os dá directamente. Como fundo, surgem outras duas formas circulares concêntricas: um círculo luminoso, por dentro pontilhado a amarelo. A atenção de quem observa a pintura recai “primeiro” sobre a auréola, que tem algum “efeito hipnótico” e, depois, sobre o rosto da figura. Dois círculos internos aos quais chama “bolas”, um do lado esquerdo e o outro do direito da cabeça. Escreve serem as “retinas” (íris) dos olhos que o Largactil faz “transparecer [aparecer] o olhar fixo”. Talvez o efeito do medicamento acentue o foco do olhar sobre as coisas (?).

São olhos grandes – as “retinas”, que observam o que se passa à volta e que também “olham para dentro” do sujeito. Talvez um efeito paradoxal de transformação de um estado para outro estado psíquico do que diz ser a “desintegração das ramificações sanguíneas” e a “transformação dos direitos em contrários”. A criatividade é estimulada pela crítica ao efeito hipnótico da droga no sujeito.

Nesta pintura, encontramos duas dimensões de relevo: a qualidade estética-formal do que foi imaginado e materializado e a narração que informa sobre a experiência sensorial do indivíduo doente alvo da terapêutica farmacológica.

Sem o saber, este “artista” participou na transformação de paradigma ocorrida na Psiquiatria no século XX, em ruptura com os “tratamentos” anteriores, que continuam a impressionar-nos através da leitura dos textos e a observação de gravuras e pinturas de várias épocas. O que este autor anónimo não “previu” foi que a sua pintura e o texto de interpretação da mesma, ditado ao enfermeiro do Hospital Psiquiátrico Miguel Bombarda, seriam redescobertos seis décadas depois e motivo actual de reflexão.

# Semana de lazer

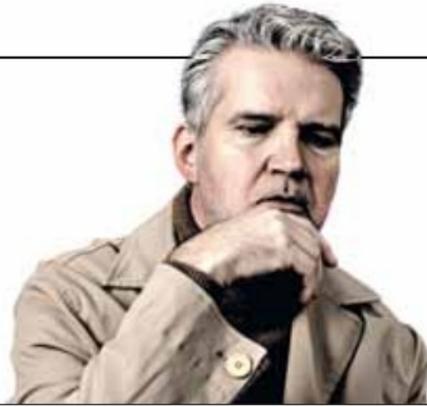
Por **Sílvia Pereira**

lazer@publico.pt

## Música

### Lloyd Cole, desde sempre

É um dos maiores *songwriters* de sempre das Ilhas Britânicas. Já o ouvimos por cá de guitarra em mãos e canções intimistas a tiracolo, mas também a assumir uma veia electrónica investida em sintetizadores ou a fazer trio com Luís Fernandes e André Gonçalves no projecto *Speaking of Chance*. Agora, reencontramo-lo num equilíbrio entre esses universos, ensaiado no álbum *Guesswork* (2019). Estes concertos servem para o apresentar, mas também para vasculhar o baú dos clássicos que foi assinando, dos tempos dos *Commotions* ao caminho a solo — ou não fosse esta digressão intitulada *From Rattlesnakes to Guesswork*.



**CASCAIS Casino Estoril**  
Dia 18 de Março, às 21h30.  
Bilhetes de 17,50€ a 40€  
**PORTO Super Bock Arena — Pavilhão Rosa Mota**  
Dia 19 de Março, às 21h.  
Bilhetes de 30€ a 35€  
**PONTA DELGADA Teatro Micaelense**  
Dia 21 de Março, às 21h30.  
Bilhetes de 20€ a 25€

## Cinema

### A Belle e a Monstra

Do terror ao erotismo, da ficção ao tom documental, de leste a oeste, para adultos ou bebés — todos os traços do cinema de animação tornam a encontrar poiso seguro na Monstra. A 21.ª edição do festival invade Lisboa com mais de 400 filmes (cerca de metade em competição), vindos de 46 países (entre eles, pela primeira vez, Egipto e Paquistão). Um dos pontos altos é a antestreia nacional de *Flee — A Fuga* (na imagem), um docudrama de Jonas Poher Rasmussen sobre a história real de um afegão chegado à Dinamarca, a enfrentar a dupla discriminação por ser refugiado e gay. Já tem vários galardões no currículo e está nomeado para três Óscares. Outro momento marcante será a estreia mundial de *To Put It Mildly*, de Anri Kulev, no quadro de uma retrospectiva da produção da Bulgária, o país convidado. A Monstra será também a primeira tela portuguesa a assistir, logo na abertura, a *Belle*, o filme de Mamoru Hosoda que Cannes aplaudiu de pé durante 14 minutos. Entre outras atracções, o programa é também animado por dez exposições, bem como *masterclasses*, conversas e a Monstrinha, com as suas sessões para famílias (bebés incluídos).

**LISBOA Cinema São Jorge, Cinema City Alvalade, Cinemateca e outros locais**  
De 16 a 27 de Março  
(programa detalhado em [monstrafestival.com](http://monstrafestival.com)).  
Bilhetes a 3,20€ a 4,50€/sessão



## Música

### Um festival Compact

Saudades dos festivais (quase) à moda antiga? Da Maia vem uma proposta com celebração acrescida: o 25.º aniversário da Compact Records, a etiqueta de distribuição de música que Abílio Silva iniciou por paixão, “porque queria discos para a sua colecção e para as colecções de uns quantos amigos”, lê-se no comunicado da organização. Ao palco, ao longo de três dias, vão sonoridades de dentro e fora de portas, com um aroma saudosista. The Human League, The Gift, Herman José e DJ d’O Batô fazem a festa no primeiro dia do Maia Compact Records Fest. O segundo está entregue a *Orchestral Manoeuvres in the Dark*, UHF, Taxi e *The Last Internationale*. O terceiro fica nas mãos de dEUS, Editors (na imagem), Mão Morta e *The Legendary Tigerman*.

**MAIA Complexo Desportivo**  
De 18 a 20 de Março (programa detalhado em [maiacrfest.pt](http://maiacrfest.pt)).  
Bilhetes de 35€ a 40€; passe a 90€

## Fotografia

### Slavin: imagens da saudade

Em 1968, Neal Slavin era um jovem bolseiro em *road trip* por Portugal. Foi captando imagens desse país mergulhado no que descreveu como “desesperança”. Cerca de 50 anos depois, regressou “para fechar o trabalho que considera ser o mais importante da sua vida”, explica a nota de imprensa da exposição que está prestes a ser inaugurada em Gaia. Intitulada *Portugal/Saudade*, junta cem trabalhos do fotógrafo norte-americano, metade produzidos nos tempos do Estado Novo, metade nesse reencontro recente com o país. A diferença, explica o autor (que estará presente na inauguração), “não está no preto e branco ou nas cores”, mas “na ausência de desespero e na materialização da saudade, essa essência das pessoas”. E também “na descoberta da minha própria saudade ao fim de 50 anos, o meu próprio sentimento pelas pessoas que tanto amava antes quanto agora”, completa. No âmbito da exposição, será também exibido o

documentário que acaba de finalizar, *Saudade: A Love Letter to Portugal*.

**VILA NOVA DE GAIA Wow — World of Wine**. De 17 de Março a 31 de Outubro. Segunda a sexta, das 12h às 19h; sábado e domingo, das 10h às 19h. Bilhetes a 10€ (exposição), 5€ (filme) ou 12€ (ambos)



## Dança

### Memórias de Pantera

Da colaboração entre Clara Andermatt e João Lucas, e do seu regresso à cultura cabo-verdiana, nasce “um espectáculo construído nas andanças da memória”, descrevem. Trata-se de uma homenagem a Orlando “Pantera” Barreto (1967-2001), músico lendário em cuja voz “pulsava Cabo Verde e as suas gentes”, artista que, “explorando as formas da tradição, fazia brotar uma poesia repleta de amor, perspicácia e assertividade”, sublinha a dupla de criadores. A ideia partiu da filha de Pantera, Darlene Barreto, e da pesquisa que tem feito sobre a vida e obra do pai. O resultado é uma peça em que “cada um dos intérpretes estabelece uma relação pessoal no relembrar da sua própria experiência”, devolvida numa “riqueza criativa que se converte no valor e no sentido desta homenagem”, anunciam. Conta com a participação da cantora Mayra Andrade e com José António Tenente como autor dos figurinos. Depois da estreia em Lisboa, entrará em digressão nacional.

**LISBOA Centro Cultural de Belém**  
Dias 19 e 20 de Março, às 19h.  
Bilhetes de 18€ a 30€





Cartaz, críticas, trailers e passatempos em [cinecartaz.publico.pt](http://cinecartaz.publico.pt)

## CINEMA

### Lisboa

#### Cinema City Alvalade

Av. de Roma, 100. T. 218413040

**Pica e o Cristal Mágico** M6. 11h15 (V.Port./2D); **Mães Paralelas** M12. 17h10; **Drive My Car** M12. 15h30, 21h; **A Filha Perdida** M14. 12h45; **Um Susto de Família 2** M6. 11h05 (V.Port./2D); **Cães do Ártico** M6. 11h10 (V.Port./2D); **A Pior Pessoa do Mundo** M14. 19h30; **O Homem Que Matou Don Quixote** M12. 18h30; **Belfast** M12. 13h15, 15h10; **The Batman** M14. 15h05, 21h; **Um Herói** M12. 21h55; **A Audição** M12. 19h; **Casa Flutuante** M12. 13h15 (V.Port./2D); **One More Story** 15h10; **Sublet** 21h30; **Forgiveness** 13h10; **Image of a Victory** 17h; **Perfect Strangers** 19h30

#### Cinema City Campo Pequeno

Centro de Lazer. T. 217981420

**Pica e o Cristal Mágico** 11h15 (V.Port./2D); **Morte no Nilo** M12. 21h45; **Cantar! 2** M6. 11h20, 16h10 (V.Port./2D); **Clifford - O Cão Vermelho** M6. 11h45, 15h15 (V.Port./2D); **Homem-Aranha: Sem Volta a Casa** M12. 11h40; **Nightmare Alley - Beco das Almas Perdidas** M14. 21h40; **Um Susto de Família 2** M6. 13h20, 15h40 (V.Port./2D); **Uncharted** M12. 11h50, 13h40, 15h20, 18h35 19h20, 21h20; **Belfast** M12. 11h20, 13h45, 17h50, 19h45, 21h55; **Resistência** M14. 15h25, 18h50, 21h15; **The Batman** M14. 11h35, 15h10, 15h45, 17h20, 18h, 19h10, 20h45, 21h; **Koati - A Aventura na Selva** M6. 11h25, 13h25, 15h50, 17h55, 19h55 (V.Port./2D)

#### Cinema Ideal

Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295

**Drive My Car** M12. 15h45, 21h15; **Um Herói** M12. 19h; **O Poder do Cão** 13h30; **Petite Maman - Mamã Pequeninha** 12h

#### Cinemas Nos Alvaláxia

R. Francisco Stropm. T. 16996

**The King's Man: O Início** M14. 21h25; **Morte no Nilo** M12. 17h30, 21h15; **Encanto** M6. 10h50, 13h35, 16h10, 18h50 (V.Port./2D); **Cantar! 2** M6. 10h40, 13h20, 15h55, 18h30 (V.Port./2D); **Homem-Aranha: Sem Volta a Casa** M12. 20h55; **Matrix Resurrections** M14. 13h45, 17h15; **Gritos** M16. 21h50; **Nightmare Alley - Beco das Almas Perdidas** M14. 14h10; **Um Susto de Família 2** M6. 11h, 13h40, 16h20, 19h10 (V.Port./2D); **Uncharted** M12. 13h25, 16h05, 18h55, 21h45; **Belfast** M12. 21h20; **Cyrano** M12. 21h; **The Batman** M14. 13h10, 13h30, 17h10, 17h40, 21h10, 21h40; **Dog: A Aventura de Uma Vida** M12. 14h, 16h50, 19h20; **A Cruzada** M12. 14h20, 16h30, 18h40; **Koati - A Aventura na Selva** M6. 10h45, 13h15, 15h40, 18h10 (V.Port./2D); **A Hora do Desespero** M12. 21h05; **Jackass Para Sempre** M16. 13h50, 16h25, 19h, 21h35; **O Poder do Cão** 21h55

#### Cinemas Nos Amoreiras

Av. Eng.º Duarte Pacheco. T. 16996

**Morte no Nilo** M12. 21h10; **Cantar! 2** M6. 10h40 (V.Port./2D); **West Side Story** M12. 14h; **Homem-Aranha: Sem Volta a Casa** M12. 20h30; **Drive My Car** M12. 14h30, 18h10, 21h50; **Nightmare Alley - Beco das Almas Perdidas** M14. 13h; **A Filha Perdida** M14. 14h; **A Pior Pessoa do Mundo** M14. 13h10; **Uncharted** M12. 16h, 18h40, 21h20; **Belfast** M12. 13h20, 15h40, 18h20, 20h40; **Resistência** M14. 16h10, 18h50, 21h30; **The Batman** M14. 13h30, 17h10, 21h; **O Poder do Cão** 13h40, 17h30

#### Cinemas Nos Colombo

Av. Lusitana. T. 16996

**Morte no Nilo** M12. 18h, 21h10; **Encanto** M6. 11h (V.Port./2D); **West Side Story** M12. 18h40; **Homem-Aranha: Sem Volta a Casa** M12. 21h20; **Moonfall - Rota de Colisão** M12. 21h40; **Marry Me - Fica Comigo** M12. 13h10, 15h50, 22h20; **Um Susto de Família 2** M6. 11h20, 13h50, 16h20 (V.Port./2D); **Uncharted** M12. 12h40, 15h30, 18h10, 21h; **Belfast** M12. 13h20, 15h40; **The Batman** M14. 10h40, 13h30, 14h30, 17h30, 18h30, 21h30, 22h10;



Koati - A Aventura na Selva

**Dog: A Aventura de Uma Vida** M12. 13h05, 15h20, 17h50; **Koati - A Aventura na Selva** M6. 10h50, 13h, 15h10, 17h20, 19h30 (V.Port./2D); **Jackass Para Sempre** M16. 17h, 20h, 22h30; **O Poder do Cão** 14h; **The Batman** M14. IMAX - 12h50, 16h30, 20h30

#### Cinemas Nos Vasco da Gama

Parque das Nações. T. 16996

**Morte no Nilo** M12. 16h50, 20h40; **Encanto** M6. 10h45, 14h (V.Port./2D); **Nightmare Alley - Beco das Almas Perdidas** M14. 17h50; **Marry Me - Fica Comigo** M12. 21h30; **Uncharted** M12. 16h10, 18h50, 21h40; **Belfast** M12. 21h50; **Cyrano** M12. 13h15; **The Batman** M14. 13h20, 17h10, 21h10; **Koati - A Aventura na Selva** M6. 11h, 13h35, 15h50, 18h30 (V.Port./2D); **A Hora do Desespero** M12. 13h10, 15h30, 18h10, 21h; **O Poder do Cão** 13h50

#### Medeia Nimas

Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223

**O Homem Tranquilo** M12. 11h; **Drive My Car** M12. 15h30, 21h; **Belfast** M12. 13h30; **O Poder do Cão** 18h45

#### UCI Cinemas - El Corte Inglés

Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400

**Às Coisas Que Nos Fazem Felizes** M14. 19h; **Morte no Nilo** M12. 21h25; **Casa Gucci** 18h10, 21h30; **Cantar! 2** 13h35 (V.Port./2D); **Cantar! 2** M6. 11h, 16h20 (V.Port./2D); **Os Predadores** M14. 13h50, 21h20; **Homem-Aranha** 16h; **Licorice Pizza** M12. 13h20, 21h35; **Drive My Car** M12. 13h30, 17h15, 21h15; **O Bom Patrão** M12. 16h15, 18h50; **Nightmare Alley - Beco das Almas Perdidas** M14. 13h45, 16h25; **Um Susto de Família 2** M6. 10h30, 13h25 (V.Port./2D); **A Pior Pessoa do Mundo** M14. 18h55, 21h40; **O Homem Que Matou Don Quixote** M12. 13h20; **Uncharted** M12. 16h15, 21h45; **Belfast** M12. 14h05, 16h45, 19h10, 21h25; **Resistência** M14. 14h, 16h30, 19h, 21h35; **The Batman** M14. 10h40, 13h15, 14h15, 16h55, 18h15, 21h30, 22h; **Um Herói** M12. 16h10, 18h50; **Dog: A Aventura de Uma Vida** M12. 10h50, 19h10, 21h25; **A Audição** M12. 13h55, 19h05; **Koati - A Aventura na Selva** M6. 11h30, 13h40, 15h55 (V.Port./2D); **A Hora do Desespero** M12. 16h40, 21h40; **Jackass Para Sempre** M16. 16h35, 19h15, 21h50;

### Almada

#### Cinemas Nos Almada Fórum

R. Sérgio Malpique 2. T. 16996

**The King's Man: O Início** M14. 13h15, 19h10; **Morte no Nilo** M12. 15h40, 18h30, 21h20; **Encanto** M6. 11h10, 13h40, 16h20 (V.Port./2D); **Cantar! 2** M6. 10h40, 13h10, 15h50 (V.Port./2D); **West Side Story** M12. 18h55; **Homem-Aranha: Sem Volta a Casa** M12. 17h10, 20h30; **Nightmare Alley** M14. 13h15; **A Filha Perdida** M14. 14h20; **Marry Me - Fica Comigo** M12. 22h20; **Um Susto de Família 2** M6. 10h50, 13h30, 16h10 (V.Port./2D); **A Pior Pessoa do Mundo** M14. 13h; **Uncharted** M12. 12h45, 15h20, 18h, 21h10; **Belfast** M12. 15h45, 18h10, 20h50; **Cyrano** M12. 12h55; **The Batman** M14. 11h, 14h30, 15h30, 18h20, 20h40, 22h10; **Dog: A Aventura de Uma Vida** M12. 16h20, 18h50, 21h15; **Koati - A Aventura na Selva** M6.

10h30, 12h40, 15h10, 17h20, 19h30 (V.Port./2D); **A Hora do Desespero** M12. 13h10, 19h, 22h30; **Jackass Para Sempre** M16. 13h20, 16h, 18h40, 21h; **O Poder do Cão** 21h40; **The Batman** M14. Sala 4DX - 12h50, 16h30, 20h20

### Amadora

#### Cinema City Alegro Alfragide

C.C. Alegro Alfragide. T. 214221030

**Pica e o Cristal Mágico** M6. 11h40, 13h35 (V.Port./2D); **Morte no Nilo** M12. 21h45; **Encanto** M6. 11h30, 16h10 (V.Port./2D); **Cantar! 2** M6. 11h35, 13h50 (V.Port./2D); **Clifford - O Cão Vermelho** M6. 15h35, 17h40, 19h45 (V.Port./2D); **Homem-Aranha: Sem Volta a Casa** M12. 11h15, 15h15, 17h30, 21h25; **Nightmare Alley - Beco das Almas Perdidas** M14. 20h50; **Um Susto de Família 2** M6. 11h15, 13h30, 15h10 (V.Port./2D); **Cães do Ártico: Uma Aventura no Gelo** M6. 11h10 (V.Port./2D); **Uncharted** M12. 11h10, 15h10, 16h, 17h20, 18h, 20h45, 21h; **Belfast** M12. 21h40; **Cyrano** M12. 19h25; **Resistência** M14. 15h20, 18h50, 21h25; **The Batman** M14. 11h10, 15h10, 16h, 17h20, 18h, 20h45, 21h; **Koati - A Aventura na Selva** M6. 11h10, 13h10, 15h20, 17h45 (V.Port./2D); **Jackass Para Sempre** M16. 13h55, 15h50, 19h50, 22h; **O Poder do Cão** 21h50

#### UCI Cinemas - Ubbo

Estrada Nacional 249/1, Venteira.

**Encanto** M6. 11h10, 14h20, 16h45 (V.Port./2D); **Cantar! 2** M6. 10h50, 13h30, 16h05, 18h35 (V.Port./2D); **Homem-Aranha: Sem Volta a Casa** M12. 15h, 18h20, 21h35; **Marry Me - Fica Comigo** M12. 16h20, 21h15; **Uncharted** M12. 10h45, 13h50, 16h25, 19h10, 21h20, 21h45; **Resistência** M14. 19h20, 21h50; **The Batman** M14. 13h15, 14h15, 16h55, 17h55, 21h30; **Koati - A Aventura na Selva** M6. 14h, 16h30, 18h55 (V.Port./2D); **A Hora do Desespero** M12. 13h45, 18h50, 21h25; **Jackass Para Sempre** M16. 13h40, 16h40, 19h, 21h40

### Cascais

#### Cinemas Nos Cascais Shopping

Alcabideche. T. 16996

**Morte no Nilo** M12. 15h45, 18h45, 21h45; **Encanto** M6. 11h30, 14h (V.Port./2D); **West Side Story** M12. 18h; **Homem-Aranha: Sem Volta a Casa** M12. 20h; **Nightmare Alley - Beco das Almas Perdidas** M14. 12h35; **Um Susto de Família 2** M6. 11h15, 13h45, 16h (V.Port./2D); **Uncharted** M12. 16h45, 19h30; **Belfast** M12. 13h, 15h15, 17h30; **The Batman** M14. 13h30, 17h15, 19h45, 21h15; **Koati - A Aventura na Selva** M6. 11h, 13h15, 15h30, 17h45 (V.Port./2D); **A Hora do Desespero** M12. 12h55, 15h, 21h30; **Jackass Para Sempre** M16. 18h30, 20h45; **The Batman** M14. Sala IMAX - 12h50, 16h15, 20h15

#### O Cinema da Villa - Cascais

Avenida Dom Pedro I.

T. 215887311

**Cantar! 2** 11h (V.Port./2D), 11h (V.Orig./2D); **Drive My Car** M12. 14h, 17h20, 20h40; **Um Susto de Família 2** M6. 11h (V.Port./2D); **Um Cães do Ártico: Uma Aventura no Gelo** M6. 11h (V.Port./2D); **Belfast** M12. 19h30,

21h30; **The Batman** M14. 14h15, 17h30, 20h45; **Um Herói** M12. 14h, 16h30, 19h, 21h30; **A Audição** M12. 13h35, 15h35, 17h35, 19h35, 21h35; **Koati - A Aventura na Selva** M6. 11h, 15h30 (V.Port./2D)

### Caldas da Rainha

#### Cineplace La Vie

C.C. La Vie.

**Cantar! 2** M6. 13h50 (V.Port./2D); **Homem-Aranha: Sem Volta a Casa** 21h10; **Um Susto de Família 2** M6. 16h20, 18h50 (V.Port./2D); **Uncharted** M12. 14h, 16h30, 19h, 21h30; **Resistência** M14. 14h30, 19h10; **The Batman** M14. 14h20, 17h50, 20h50, 21h20; **Dog: A Aventura de Uma Vida** M12. 17h05, 21h40; **Koati - A Aventura na Selva** 13h10, 15h05, 17h, 18h55 (V.Port./2D)

### Carcavelos

#### Atlântida-Cine

CC. Carcavelos. T. 214565653

**Belfast** M12. 15h, 17h45; **O Poder do Cão** 15h, 17h45

### Sintra

#### Cinema City Beloura

Beloura Shopping, R. Matos Cruzadas, EN 9,

Quinta da Beloura II, Linhó. T. 219247643

**Morte no Nilo** M12. 21h20; **Meu Querido Monstro** M6. 11h10 (V.Port./2D); **Um Susto de Família 2** M6. 11h15, 15h35 (V.Port./2D); **Uncharted** M12. 11h30, 15h30, 17h20, 18h35, 21h30; **Belfast** M12. 13h35, 19h35; **Cyrano** M12. 21h35; **Resistência** M14. 15h25, 18h50, 21h45; **The Batman** M14. 11h35, 15h10, 17h50, 21h; **A Audição** M12. 13h25, 19h45; **Koati - A Aventura na Selva** M6. 11h20, 13h20, 15h20, 17h45 (V.Port./2D)

#### Castello Lopes - Alegro Sintra

Alegro Sintra, Alto do Forte. T. 219184352

**Morte no Nilo** M12. 21h20; **Encanto** M6. 11h05, 18h (V.Port./2D); **Cantar! 2** M6. 11h (V.Port./2D); **Clifford - O Cão Vermelho** M6. 11h20 (V.Port./2D); **Homem-Aranha: Sem Volta a Casa** M12. 11h30, 14h40, 17h50, 21h; **Um Susto de Família 2** M6. 11h10 (V.Port./2D); **Uncharted** M12. 11h55, 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **The Batman** M14. 13h50, 16h35, 17h15, 20h, 20h40; **Dog: A Aventura de Uma Vida** M12. 14h40, 16h50, 19h, 21h10; **A Audição** M12. 14h25; **Koati - A Aventura na Selva** M6. 11h15, 14h, 16h (V.Port./2D); **A Hora do Desespero** M12. 13h30, 15h25, 17h20, 19h15, 21h10

### Leiria

#### Cinema City Leiria

Ponte das Mestras. T. 244845071

**Morte no Nilo** M12. 21h50; **Cantar! 2** M6. 11h15, 13h35, 15h55 (V.Port./2D); **Homem-Aranha: Sem Volta a Casa** M12. 21h40; **Um Susto de Família 2** M6. 11h25 (V.Port./2D); **Uncharted** M12. 13h15, 15h30, 17h50, 18h30, 19h35, 21h35; **Resistência** M14. 15h40, 18h35, 21h30; **The Batman** M14. 11h30, 12h35, 15h10, 16h, 17h20, 18h15, 21h, 21h05; **Koati - A Aventura na Selva** M6. 11h30, 13h30, 15h35, 17h35 (V.Port./2D); **Jackass Para Sempre** M16. 11h35, 13h30, 15h25, 19h30, 21h45

#### Cineplace - Leiria Shopping

C.C. Leiria Shopping. T. 244826516

**Pica e o Cristal Mágico** M6. 13h10 (V.Port./2D); **Homem-Aranha: Sem Volta a Casa** M12. 21h10; **Um Susto de Família 2** M6. 13h10 (V.Port./2D); **Uncharted** M12. 14h, 16h30, 19h, 21h30; **Belfast** M12. 19h35; **Resistência** M14. 14h10, 21h; **The Batman** M14. 14h20, 17h50, 21h20; **Dog: A Aventura de Uma Vida** M12. 15h10, 17h20, 19h30, 21h40; **A Audição** M12. 16h40, 18h50; **Koati - A Aventura na Selva** M6. 13h15, 15h15, 17h15, 19h15 (V.Port./2D); **A Hora do Desespero** M12. 13h40, 15h40, 17h40, 21h45; **Jackass Para Sempre** M16. 15h20, 17h30, 19h40, 21h50

### Loures

#### Cineplace - Loures Shopping

Quinta do Infantado, Loja A003

**Pica e o Cristal Mágico** M6. 13h10 (V.Port./2D); **Homem-Aranha: Sem Volta a Casa** M12. 21h; **Um Susto de Família 2** M6. 14h30, 16h50 (V.Port./2D); **Cães do Ártico: Uma Aventura no Gelo** M6. 14h (V.Port./2D); **Uncharted** M12. 16h, 18h30, 21h30; **Resistência** M14. 14h40, 19h20; **The Batman** M14. 14h20, 17h50, 21h20; **Dog: A Aventura de Uma Vida** M12. 17h20, 21h40; **A Audição** M12. 15h10, 19h30; **Koati - A Aventura na Selva** M6. 13h30, 15h30, 17h30, 19h40 (V.Port./2D); **A Hora do Desespero** M12. 19h10, 21h10; **Jackass Para Sempre** M16. 17h10, 21h50

### Odivelas

#### Cinemas Nos Odivelas Strada

Estr. da Paiã. T. 707 CINEMA

**Morte no Nilo** M12. 21h; **Homem-Aranha: Sem Volta a Casa** M12. 13h45, 17h15; **Um Susto de Família 2** M6. 11h, 13h10, 15h30, 18h (V.Port./2D); **Uncharted** M12. 15h20, 18h20, 21h15; **The Batman** M14. 13h, 16h40, 20h20, 20h40; **Jackass Para Sempre** M16. 13h30, 15h50, 18h40, 21h30

### Oeiras

#### Cinemas Nos Oeiras Parque

# Dia de ficar

## CINEMA

### Mundo Jurássico: Reino Caído Fox, 16h04

Quando se percebe que o vulcão da ilha Nublar está prestes a entrar em erupção, surge o dilema: regressar ao local e salvar os animais de uma segunda extinção ou deixar a natureza seguir o seu curso. A quinta aventura da saga baseada nos livros de Michael Crichton tem realização de J. A. Bayona e produção de Steven Spielberg. Chris Pratt, Bryce Dallas Howard, B. D. Wong, Jeff Goldblum, Ted Levine, Rafe Spall, Toby Jones, Justice Smith, James Cromwell e Geraldine Chaplin dão vida às personagens.

### The Hunger Games: Os Jogos da Fome Fox Movies, 16h28

Maratona com os quatro filmes baseados nos *best-sellers* de Suzanne Collins, uma ficção distópica projectada num futuro pós-apocalíptico, onde um governo totalitário subjuga 12 distritos. Katniss Everdeen (Jennifer Lawrence) emerge como heroína ao vencer um bárbaro “divertimento” em que adolescentes de todos os distritos têm de lutar pela vida. No segundo filme, *Em Chamas* (às 18h50), é forçada a entrar numa edição especial dos jogos, agora que se tornou símbolo de resistência. Nos seguintes, *A Revolta – Parte 1* (21h15) e *Parte 2* (23h11), assume-se como líder.

### Capote TVCine Edition, 22h

Um dos papéis icónicos de Philip Seymour Hoffman, pelo qual venceu o Óscar de melhor actor, foi a sua encarnação do autor de *Breakfast at Tiffany's*, neste *biopic* de Bennett Miller.

### Anjo Perdido RTP1, 1h

Lizzie nunca ultrapassou a perda da filha bebé. A tragédia custou-lhe a sanidade mental, o casamento e a custódia do filho mais velho. Um dia, repara em Lola, uma menina parecida com a filha. Obcecada, vai fazer de tudo para se aproximar dela, incluindo mentir, enganar e desapontar todos os que ama. *Remake* americano de *L'empreinte de l'Ange* (de Safy Nebbou), este *thriller* psicológico é dirigido por Kim Farrant e escrito por Luke Davies e David Regal. Noomi Rapace, Luke Evans, Yvonne Strahovski, Finn Little, Annika Whiteley e Richard Roxburgh formam o elenco.

## Televisão

### Os mais vistos da TV

Sexta-feira, 11

	%	Aud.	Share
O Preço Certo	RTP1	9,6	22,0
Jornal da Noite	SIC	9,5	19,5
Por Ti	SIC	9,5	19,9
Amor, Amor Vo. 2	SIC	8,9	23,1
Festa é Festa III	TVI	8,7	18,4

FONTE: CAEM



### RTP1

**6.08** Todas as Palavras **6.30** Zig Zag  
**8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana  
**10.30** Eucaristia Dominical **11.32** Super Sentidos **12.07** Hora dos Portugueses **12.59** Jornal da Tarde **14.39** Faz Faisca **15.32** Portugal na Eurovisão — Rumo a Turim

**17.33** Festival da Canção 2022 — Melhores Momentos

**19.59** Telejornal

**21.24** Got Talent Portugal

**1.00** Anjo Perdido



**2.41** Faz Faisca

### SIC

**6.30** As Aventuras do Max **7.00** Uma Aventura **9.00** Olhá SIC! **12.00** Vida Selvagem **13.00** Primeiro Jornal **14.15** Fama Show

**15.00** Domingão

**20.00** Jornal da Noite

**21.30** Isto É Gozar com Quem Trabalha



**22.15** Hell's Kitchen

**0.30** Programa a definir  
**2.15** Deadpool 2

### RTP2

**7.00** Caminhos **7.26** 70x7 **7.53** Espaço Zig Zag **11.37** Râguebi: Espanha x Portugal (apuramento Campeonato do Mundo 2023) **13.43** Jogos Paralímpicos de Inverno Pequim 2022 **14.55** Campeonato do Mundo de Ginástica Acrobática **18.11** Liga Extraordinária **18.31** Escola de Enfermagem **19.16** Temos Programa **19.44** A Tentação de Frankenstein **20.31** Merlí

**21.30** Jornal 2

**21.48** Página 2

**22.08** Alemanha 89



**22.59** Folha de Sala **23.08** Voz do Cidadão **23.36** Vamos Beber Um Café e Falar Sobre Isso **0.46** Marco Rodrigues: Judite **1.10** Cinemax **2.14** Euronews

### TVI

**6.00** Curious George **6.30** Diário da Manhã **6.45** Todos Iguais **7.15** O Bando dos Quatro **8.00** Inspector Max **10.00** Querido, Mudei a Casa! **11.00** Missa **12.30** Mesa Nacional

**13.00** Jornal da Uma

**14.00** Somos Portugal

**19.57** Jornal das 8

**21.45** Big Brother

**2.00** Doce Tentação

### TVCINETOP

**18.15** Godzilla Vs. Kong **20.05** Os Últimos Três Dias **21.30** Wander **23.05** Deviam ter Saído **0.40** Casa do Terror **2.15** Suspiria

### FOX MOVIES

**18.50** The Hunger Games: Em Chamas **21.15** The Hunger Games: A Revolta — Parte 1 **23.11** The Hunger Games: A Revolta — Parte 2 **1.18** Sei o que Fizeste no Verão Passado

### HOLLYWOOD

**17.55** Hostis **20.05** Hellboy **22.00** Jogo da Alta-Roda **0.20** Killerman — A Lei das Ruas **2.10** Ligação de Alto Risco

### AXN

**18.07** Noite em Fuga **20.08** Eu Sou a Lenda **21.55** Ataque ao Poder **0.11** Sem Identidade **2.12** O Expatriado

### FOX

**18.21** O Turista **20.18** Die Hard: Nunca É Bom Dia para Morrer **22.10** A Múmia **0.11** Safe - O Intocável **1.47** The Walking Dead

### DISNEY CHANNEL

**17.15** A Maldição de Molly McGee **18.05** Ghostforce **18.25** Gravity Falls **19.15** Os Green na Cidade Grande **20.00** Anfibilândia

### DISCOVERY

**17.15** A Minha Família Vive no Alasca **18.10** Curiosidades da Terra **19.05** O Segredo das Coisas **21.00** A Febre do Ouro **22.00** A Febre do Ouro: Águas Bravas **22.55** A Febre do Ouro: Minas Perdidas **0.40** A Febre do Ouro

### HISTÓRIA

**18.15** A Comida Que Mudou o Mundo **20.11** Os Brinquedos Que Mudaram o Mundo **20.52** O Inexplicável **22.56** A Prova Existe Algures **1.11** As Máquinas Que Mudaram o Mundo

### ODISSEIA

**17.30** Uma Quinta, 9 Filhos e 1000 Ovelhas **18.16** Iberia, Uma Terra de Paixões **19.09** À Descoberta com... **20.55** Wild Tube **21.42** Estranha Vida Animal **23.19** Animais: Encontros Épicos

### Uma Criança como Jake AMC, 1h30

Jake, de quatro anos, prefere bonecas às típicas brincadeiras de rapazes. Aconselhados por uma educadora atenta, os pais reflectem sobre a possibilidade de ele ter nascido num corpo que não corresponde à sua identidade. Estreado internacionalmente no Festival de Cinema de Sundance, o filme é realizado por Silas Howard, segundo um argumento de Daniel Pearlle que se baseia numa peça com o mesmo nome. Claire Danes, Jim Parsons, Priyanka Chopra, Amy Landecker, Ann Dowd e Octavia Spencer assumem as personagens.

## MÚSICA

### Marco Rodrigues: Judite RTP2, 00h46

Estreia. Momentos musicais cruzam-se com entrevistas a Marco Rodrigues a propósito de *Judite*, o álbum a que deu o nome da mãe, que perdeu em 2020 e que “está presente da primeira à última nota”, garante. “Este disco é, seguramente, o mais sentido e profundo de toda a minha vida”, acrescenta. Entre fados e canções, presta-lhe homenagem – e à sua força e aos seus gostos – no tom misto de tristeza e alegria que a palavra “saudades” encapsula.

## INFANTIL

### Patrulha Pata: O Filme (V. Port.) TVCine Top, 9h45

Cal Bruner dirige a adaptação ao grande ecrã da série televisiva de animação criada por Keith Chapman, que conquistou os espectadores mais pequenos com as aventuras de um grupo de heróis caninos sempre prontos a salvar o dia, sob o comando de Ryder. Desta vez, têm de deixar a relativamente pacata Baía da Aventura e partir em direcção à cidade grande, onde o novo (e desonesto) presidente Humdinger ameaça transformar a vida de todos num caos – todos menos os seus queridos animais de estimação “gatastróficos”.

### Hotel Transilvânia (V. Port.) Hollywood, 11h30

Este hotel é o único lugar onde os monstros podem descansar e viver em paz. Ou era. Um dia, um jovem humano aparece na unidade, causando o pânico entre os hóspedes. O pior é que Drácula, o dono e gerente, percebe que Mavis, a adorada filha de 118 anos, tem um fraquinho pelo recém-chegado.



Jogue também online.  
Palavras-cruzadas,  
bridge e sudoku em  
[www.publico.pt/jogos](http://www.publico.pt/jogos)

### Totoloto

3 17 32 41 48 12

1.º Prémio 5.500.000€

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

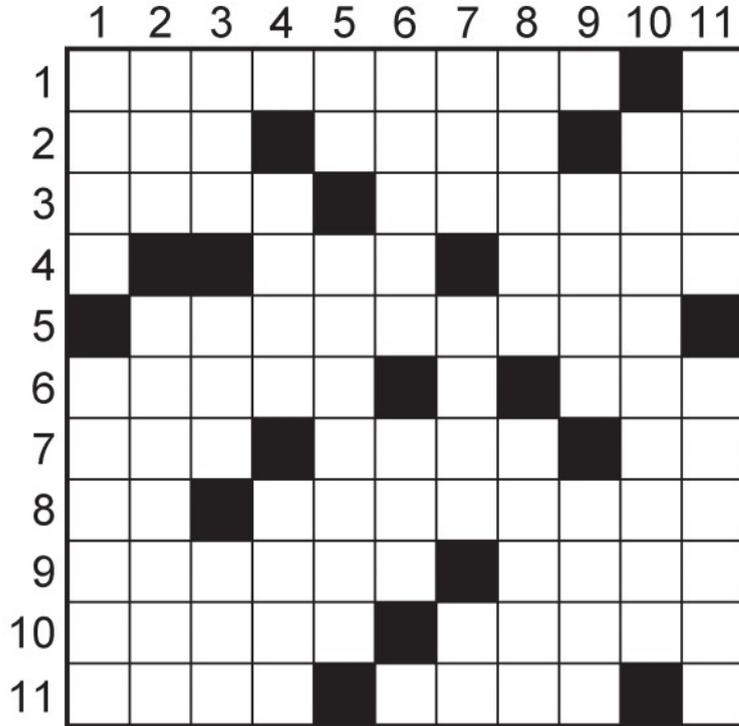
# Jogos

## CRUZADAS 11.641

Paulo Freixinho  
[palavracruzadas@publico.pt](mailto:palavracruzadas@publico.pt)

**HORIZONTAIS:** 1. (...) do Porto, onde se encontra uma exposição imersiva sobre Frida Kahlo. 2. A ele. "Conserva-se o (...) debaixo da cinza". Observei. 3. Entrada da bola na baliza. Pedra de cantaria comprida e estreita, empregada em peitoris, nesgas de janelas, resguardo de estradas, etc. 4. Regra. Unidade monetária da Samoa. 5. (...) Andersson é a primeira primeira-ministra da Suécia. 6. Nó que se usa nas adriças para levar ao topo dos mastros uma bandeira enrolada e que, com um puxão, se desfaz, e a bandeira desfralda. Hino. 7. Argola. Tombe. Estrada Nacional. 8. Décima sexta letra do alfabeto grego. Velhaco. 9. Espécie de pastel de massa com recheio de carne, peixe, etc. Estar dorido. 10. Só cobre 9% do "rendimento adequando" a uma criança de 12 anos. Pequeno pátio. 11. Comilão (fam.). Administra.

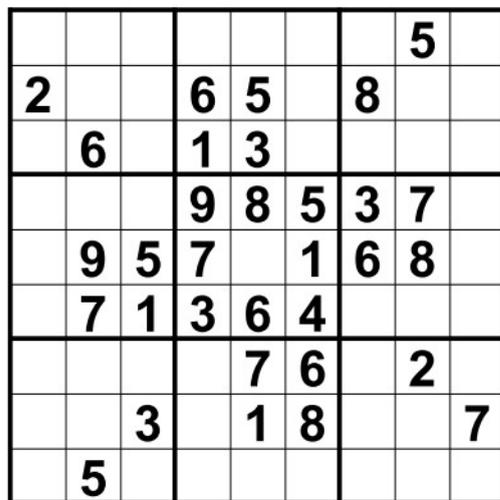
**VERTICAIS:** 1. Alguma coisa. Cobrir com capa. 2. «Lhe» + «o». Projecto que irá dedicar-se a catalogar e editar arquivos musicais Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Timor-Leste. 3. Mau humor (fig.). Aperto com nó. Popular (abrev.). 4. Courela de terreno. Irmã. 5. Países baixos, na internet. Cortês. 6. Culto de veneração prestado aos anjos e santos. Fileira. 7. Ave penalta corredora. Qualidade (popular). Parlamento Europeu. 8. Quantidade de pessoas. Piso de um prédio. 9. Parte da bota acima do artelho. Dom natural. 10. Espera regresso do Festival do Bacalhau e do Azeite. 11. Carreira. Monumental.



**Solução do problema anterior:**  
**HORIZONTAIS:** 1. Ukraine. RAM. 2. Mais. Ensino. 3. LP. Alverca. 4. Soa. Sair. ID. 5. Er. SA. Aveão. 6. Raquel. Eno. 7. Mil. IP. 8. Pa. Ao. Graal. 9. Endurance. 10. Estore. Tara. 11. Crase. Gorar.  
**VERTICAIS:** 1. Um. Ser. PREC. 2. Kalorama. Sr. 3. Ripa. QI. Eta. 4. As. Sulanos. 5. ASAE. Odre. 6. Nela. Li. UE. 7. Envia. PGR. 8. Serve. Rato. 9. Rir. Enganar. 10. Ancião. Acra. 11. Moadó. Olear.

## SUDOKU

© Alastair Chisholm 2008  
[www.indigopuzzles.com](http://www.indigopuzzles.com)



**Problema 11.056**  
Dificuldade: Fácil

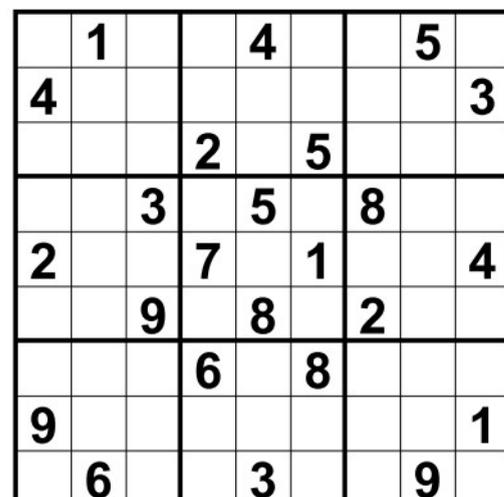
**Solução do problema 11.054**

6	1	7	5	4	3	8	2	9
3	8	4	6	2	9	1	5	7
9	2	5	1	8	7	3	4	6
1	5	3	7	9	6	4	8	2
8	9	6	2	1	4	7	3	5
7	4	2	3	5	8	9	6	1
4	3	1	9	6	5	2	7	8
5	7	9	8	3	2	6	1	4
2	6	8	4	7	1	5	9	3

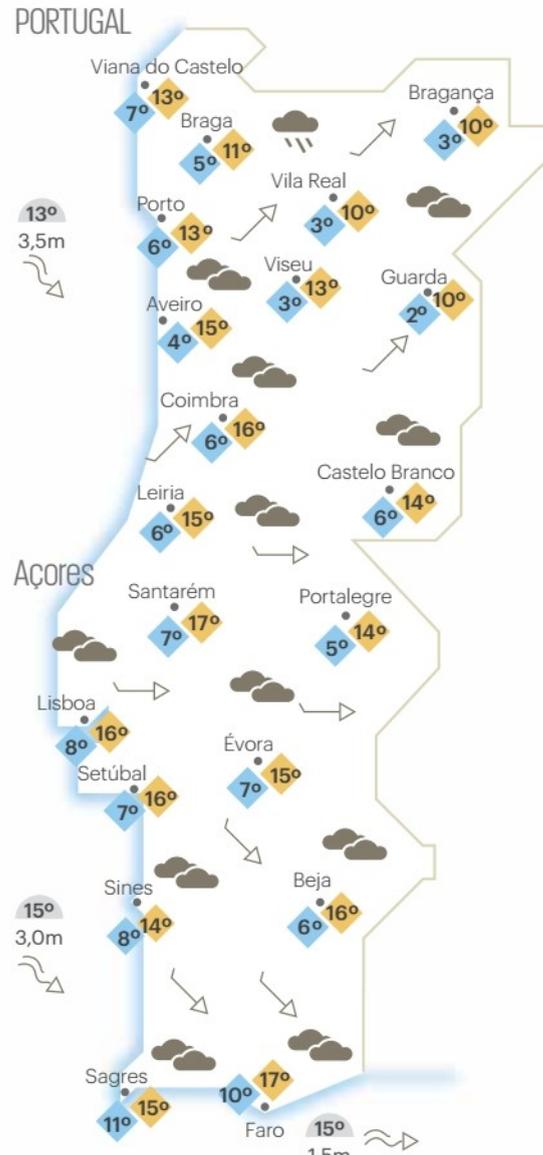
**Solução do problema 11.055**

9	4	2	5	3	1	6	8	7
5	7	3	9	6	8	4	1	2
1	8	6	2	4	7	3	9	5
6	5	4	1	9	3	7	2	8
3	2	8	6	7	5	9	4	1
7	9	1	8	2	4	5	6	3
8	6	9	3	5	2	1	7	4
2	3	7	4	1	6	8	5	9
4	1	5	7	8	9	2	3	6

**Problema 11.057**  
Dificuldade: Muito difícil



## TEMPOPARAHOJE



**PRÓXIMOS DIAS LISBOA**

Segunda-feira, 14	Terça-feira, 15
9° 16°	10° 16°
Índice UV Médio	Índice UV Médio
Vento Fraco	Vento Fraco
Humidade 69%	Humidade 70%
Quarta-feira, 16	Quinta-feira, 17
11° 15°	10° 17°
Índice UV Médio	Índice UV Médio
Vento Fraco	Vento Fraco
Humidade 83%	Humidade 70%

**MEDIDOR DE CO2**  
Mauna Loa, Haval

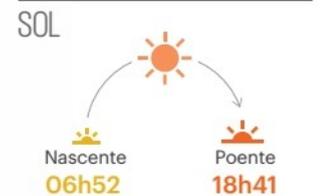
Partes por milhão (ppm) na atmosfera  
Valores por semana

Semana de 27 Fev.	419,20
Semana de 20 Fev.	419,62
Há um ano	417,68
Há dez anos	394,54

**Nível de segurança** 350  
**Nível pré-industrial** 280

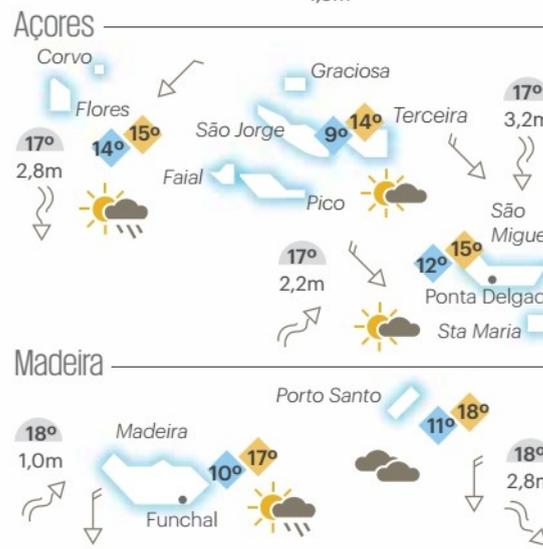
**QUALIDADE DO AR**  
Portugal

Porto	Muito Bom
Coimbra	Bom
Lisboa	Médio
Évora	Fraco
Faro	Mau



**LUA**

Cheia	18 Mar.	07h18
Minguante	25 Mar.	05h37
Nova	1 Abr.	07h24
Crescente	9 Abr.	07h48



**MARÉS**

	Preia-mar	Baixa-mar	*de amanhã
Leixões	m	Cascals	m
Faro	m	Faro	m
06h03	1,4	05h41	1,5
12h14	2,5	11h50	2,6
18h15	1,4	17h51	1,5
00h30*	2,8	00h07*	2,8
		05h37	1,4
		11h43	2,5
		17h48	1,4
		00h04*	2,7

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

## Estar bem

# Não-monogamia: libertinagem ou o futuro das relações?

Independentemente do formato que escolhamos, podemos sempre aprender coisas com as não-monogâmias. Porque elas são muito mais do que poder ter sexo com várias pessoas

### Tânia Graça

A “cara-metade”, a “metade da laranja”, os filmes Disney e praticamente todas as referências de amor que temos à nossa volta ensinam-nos que existe uma pessoa para nós, a tal, a que corresponderá a tudo aquilo que precisamos e procurávamos. Ela será a única que amaremos, desejaremos e com quem ficaremos até ao resto dos nossos dias. No entanto, por muito que nos agrada este imaginário, a verdade é que ele choca de frente com a realidade que vamos observando.

Altas taxas de infidelidade, altas taxas de divórcio ou com o tão simples facto de que – e acho que podemos concordar sobre este ponto – mesmo estando numa relação feliz e onde há amor e satisfação existem outras pessoas que nos interessam e atraem. Podemos até escolher não fazer nada com esse desejo, mas é algo que acontece.

Chegamos então à velha questão: seremos “naturalmente”, biologicamente, monogâmicas/os? Estaremos, tal como os pinguins ou os cisnes, “programadas/os” para amar e desejar um/a único/a parceiro/a afectivo e sexual? Não é isso que nos conta a história.

A psicóloga Regina Navarro Lis explica no seu livro *Novas Formas de Amar* que, até há cerca de 5 mil anos, ninguém sabia que o homem participava na procriação. Achavam que o bebé era colocado na barriga da mãe pela Natureza, por divindades como o vento, o sol; ninguém associava o ato sexual à gravidez. Foi quando começaram a observar os rebanhos que criavam, em que ovelhas que não conviviam com machos não tinham bebés, que perceberam a intervenção masculina na concepção.

Este período coincidiu também com o aparecimento da propriedade privada. Neste sentido, para garantir que a sua herança, as suas terras, passavam de facto para os seus filhos, a mulher e a sua sexualidade foram aprisionadas.

A partir deste momento, começou a estabelecer-se a sociedade patriarcal e, com ela, a exigência de exclusividade sexual e relacional, para a mulher apenas, claro. O que aliás, de alguma forma se mantém até hoje, uma vez que existe uma muito maior aceitação social de que um homem traia e tenha várias parceiras.

As não-monogâmias vêm precisamente questionar esta estrutura, propondo várias outras tipologias de relação. Temos como exemplo as relações abertas e as poliamorosas. As primeiras tratam-se geralmente de uma relação “principal” que abre para outras experiências sexuais, em conjunto ou por separado. Ou seja, existe exclusividade afetiva/amorosa, mas não sexual. No caso do poliamor, poderá ou não haver uma relação vista como a principal e os seus membros têm a possibilidade de se envolver afetiva e sexualmente com outras pessoas. Tudo isto conversado, combinado e consentido por todas as pessoas envolvidas.

“Mas como é que conseguem?! Que confusão! E os ciúmes? Isso não está certo, não é assim! Só amamos uma pessoa! Isso é traição com consentimento!”, oiço-vos pensar.

De facto, tudo o que vem questionar as nossas estruturas, “caixinhas” e verdades absolutas, causam alguma urticária. Porque é que a forma como outras pessoas vivem as suas relações nos pode incomodar tanto? Neste caso, porque vem



pôr em causa o mundo como o conhecemos, vem questionar valores morais (e religiosos) que nos foram impingidos sem espaço para discussão.

Vem abanar o nosso conservadorismo, julgando todas as relações que não sejam a dois como libertinagem, promiscuidade e um antro de infeções sexualmente transmissíveis (IST). Um dado curioso, para que acalmemos estes corações apoquentados com a saúde sexual alheia, é que as pessoas não-monogâmicas protegem-se e testam-se mais para as IST do que as monogâmicas. Ao mesmo tempo que muitas pessoas supostamente monogâmicas – e que inclusive criticam ferozmente as não-monogâmicas – traem e têm outras relações sexuais sem proteção, colocando assim em risco as/os parceiras/os principais.

As não-monogâmias vêm ainda questionar o formato relacional em que sustentamos a nossa autoestima: atrelamos o nosso sentido de valor próprio à exclusividade do amor e desejo do outro – é por ser a única que me sinto amada. E é obviamente muito difícil questionar tudo isto. Por isso é que as novas relações são geralmente feitas de um nível de comunicação e conhecimento do outro muito profundo. Porque mexem não só com as nossas inseguranças, mas com tudo o que está socialmente instituído. É escrever do zero as regras de como nos relacionarmos. Exige muito, mas quem o pratica diz que compensa.

“Mas, então, isto significa que temos de ser todas/os não-monogâmicas/os?” Não. Mas significa que devemos conhecer e respeitar outras estruturas relacionais e familiares e que podemos questionar e escolher a forma como preferimos viver as nossas.

Independentemente do formato que escolhamos, podemos sempre aprender coisas com as não-monogâmias. Porque elas são muito mais do que poder ter sexo com várias pessoas. Elas são sobre autonomia sobre o nosso corpo, liberdade, poder de escolha, amor-próprio, compromisso, comunicação aberta, crescimento individual e muita honestidade. Tudo ingredientes que poderão deixar a receita de qualquer relação mais completa e feliz!

# O rosto de uma das linhas de libertação da II Guerra

Tratava os soldados fugitivos como “seus meninos” e evitou a tortura e execução de mais de uma centena de soldados aliados. Escapou à prisão porque um comboio se atrasou três horas

Ruben Martins

A resistente belga Henriette Hanotte, que salvou mais de uma centena de aviadores aliados durante a II Guerra Mundial, morreu a 20 de Fevereiro na cidade belga de Nivelles. Tinha 101 anos.

Hanotte passou grande parte da sua vida na fronteira vila de Rumes, pertencente à região francófona da Bélgica. A sua existência cruzou-se com o decurso da história durante a II Guerra. O conflito bateu-lhe à porta com o domínio nazi da Bélgica, em Maio de 1940.

Desde muito jovem que Hanotte conhecia como poucos os pontos de passagem daquela região da fronteira franco-belga. Foi na francesa Bachy que esta mulher frequentou a escola, e as sucessivas passagens a pé pela fronteira faziam parte da sua rotina. Um conhecimento alargado dos então guardas-fronteiriços – alguns de quem era amiga.

A jovem foi um elemento-chave na operação que ganhou nome de “Linha Cometa”. O esquema tinha como objectivo resgatar aviadores aliados que tinham caído em território belga durante os ataques à ocupação alemã antes que fossem detidos e torturados pelas tropas alemãs. Esta era uma das dezenas de “linhas de libertação” criadas para a fuga de regiões dominadas pelo Exército alemão. A “*Linha Cometa*” – que tinha como lema *Pugna Quin Percutias* (luta sem armas) – implicava o atravessamento completo de França e a passagem pelos Pirenéus. Com a chegada à Espanha franquista – neutra na II Guerra –, seguia-se uma viagem de carro até ao rochedo de Gibraltar, território ultramarino no Sul da Península Ibérica pertencente à coroa britânica. Depois, já em Gibraltar, era organizado o regresso

ao Reino Unido em segurança.

A primeira grande dificuldade estava na saída do território belga, missão em que Hanotte acabou por se notabilizar. Durante o período da resistência, a jovem e a sua família acolheram, alimentaram, disfarçaram e fizeram atravessar pela fronteira franco-belga 135 aviadores das tropas aliadas.

A entrada desta mulher na História acabou por ser uma coincidência quando, logo nas primeiras semanas de ocupação nazi, dois aviadores britânicos chegaram à sua casa e imploraram-lhe para que os ajudasse a cruzar a fronteira com o intuito de chegarem à vila francesa de Dunquerque, onde apanhariam um barco de retirada para as ilhas britânicas, ainda antes de estar em funcionamento o esquema da “Linha Cometa”.

O sucesso desta primeira missão de Hanotte em muito se deveu ao seu contexto familiar: os pais tinham um restaurante-hotel junto à estação ferroviária de Rumes – desactivada em 1964 – e geriam uma agência alfandegária. Acabaram por retirar aos dois soldados todas as marcas que os pudessem identificar como britânicos e disfarçaram-nos de comerciantes de carvão, tendo-os levado até à fronteira. Missão bem-sucedida.

A passagem, feita em conjunto com a sua família, abriu portas para que Hanotte recebesse um pedido para ingressar na MI19, uma divisão dos serviços secretos britânicos que procurava informações sobre prisioneiros de guerra para os resgatar. O convite foi feito por um oficial da organização aos seus pais durante um café na casa da família belga, quando Hanotte tinha apenas com 19 anos. Não houve hesitação para



## Henriette Hanotte 1920-2022 Militar

o “sim”, descreve o *New York Times*. A sua missão de resistência deu-lhe a alcunha de “Monique”, nome de código dado pelo Departamento de Guerra britânico e que Hanotte acabou por adoptar para toda a vida.

Depois de ter aceitado o desafio, entrou em funcionamento um verdadeiro esquema familiar que consistia na entrada de militares no hotel e um processo de falsificação de identidades que só acabava quando os soldados conseguissem pronunciar de forma correcta o seu novo nome falso em francês, estando assim prontos para atravessar a fronteira. Segundo o jornal *The Times*, “Monique” referia-se aos soldados como “meus meninos”. Se fosse

apanhada por algum soldado alemão, a desculpa que usava é que o homem que a acompanhava era seu namorado.

Por vezes, a missão era mais “simples” e bastava que o soldado fosse entregue a outro oficial da “Linha Cometa” já em território francês. Noutras ocasiões, a missão de “Monique” passava por escoltar os soldados fugitivos por largas centenas de quilómetros, desobedecendo a recolheres obrigatórios e pondo a sua vida em risco. Quando levava os soldados de comboio até Lille ou Paris, nunca comprava lugares juntos na viagem e trazia sempre um saco com pão para dizer que tinha ido às compras se fosse interrogada pelas tropas alemãs.

O esquema durou até 1944. A organização foi denunciada por um belga e agentes da Gestapo, a polícia secreta da Alemanha nazi, infiltraram-se na rede levando a prisões em massa.

No dia em que alegadamente ia ser detida, Hanotte estava em Paris num esconderijo situado num quarto andar de um bloco de apartamentos da Rua Marguerite

de Rochechouart, nas imediações da Gare du Nord, local que habitualmente usava na cidade depois de deixar os soldados com outro membro da “Linha Cometa”. Foi aí que descobriu que a rede tinha sido descoberta.

Nesse dia tinha de apanhar um comboio, mas o atraso de três horas evitou que fosse presa e partiu para fazer a mesma rota que a dos soldados que salvara. Com a chegada ao Reino Unido, em Maio de 1944, treinou para ser agente da secreta britânica e saltar de pára-quedas na Batalha das Ardenas, mas não chegou a fazê-lo porque um relatório médico revelou que tinha fracturado o pulso nos treinos. Acabou por ficar em território britânico até ao fim da guerra e não viu a sua vila ser libertada em Setembro de 1944.

A vida, curiosamente, levou-a a casar com um guarda de fronteira belga e nas entrevistas dizia que não tinha feito “nada fora do comum” – opinião diferente teve quem a condecorou com a Ordem do Império Britânico e com a Medalha da Liberdade norte-americana.

# Alice nos dois lados do espelho

**N**uma carta de 1970, o escritor James Tiptree, Jr. fez a seguinte confissão: “Sinto que tenho o que todas as crianças desejam: uma vida realmente secreta. Não é um segredo oficial, não é um daqueles segredos

passa-o-teste-do-polígrafo-e-trinca-a-cápsula-de-cianeto-se-fores-apanhado, mas é o MEU segredo.” Sem se saber o contexto, a observação podia passar por uma trivial romantização da escrita, exaltando a liberdade furtiva de quem se fecha num quarto para viver vidas imaginárias. Mas era apenas uma resposta ambígua a uma pergunta concreta (o correspondente era um fã curioso) sobre a sua identidade, e alguns vagos rumores de pseudonímia. Num curto período, o nome Tiptree tornara-se comum nas revistas de ficção científica, e a originalidade dos seus contos depressa conquistou adeptos e prémios. A atenção acrescida levou a curiosidade não para o que havia, mas para o que faltava – nomeadamente fotografias, esboços biográficos, presenças em carne e osso. Num meio relativamente fechado, *ninguém* parecia conhecer pessoalmente James Tiptree. Detectives amadores tentaram reconstruir o *puzzle* a partir dos dados disponíveis. Um endereço postal na Virgínia sugeriu uma afiliação com a CIA; alusões recorrentes a lugares exóticos, e uso correcto de jargão militar, sugeriam um veterano de guerra. Como numa fábula, o segredo durou mais sete anos, altura em que a ficção científica finalmente descobriu – com uma mistura heterodoxa de embaraço, alívio, e consternação – que James Tiptree era uma mulher chamada Alice Sheldon.

Na verdade, o jogo das adivinhas não falhara em quase nada. Sheldon trabalhara realmente para a CIA (tal como o marido), e antes disso analisara imagens de reconhecimento aéreo para o Pentágono durante a II Guerra Mundial. Na sua volumosa correspondência, nunca precisara de cometer outro pecado que não o da omissão: bastava-lhe

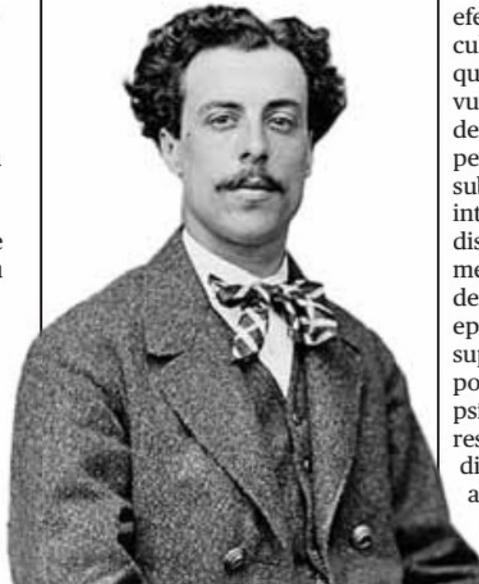
confirmar os factos básicos, e não corrigir as conclusões que os pressupostos dos outros os levavam a tirar.

O embaraço da revelação recaiu principalmente em alguns vultos do género que tinham apostado parte da sua credibilidade (pelo menos enquanto *leitores*) na confiante refutação da teoria de que o pseudónimo podia esconder alguém do género oposto. Ursula Le Guin disse não acreditar na hipótese. Robert Silverberg, convidado a escrever um prefácio para a segunda colecção de histórias de Tiptree, garantiu que a teoria era “absurda”, porque havia algo “inconfundivelmente masculino” naquela prosa: “Não acho que os romances de Jane Austen pudessem ter sido escritos por um homem, nem os contos de Hemingway por uma mulher, e da mesma maneira acredito que o autor dos contos de James Tiptree é um homem.”

**N**ão é o tipo de vaticínio que alguém queira associado ao seu nome para a posteridade, mas talvez seja menos uma impugnação da perspicácia de Silverberg do que um justíssimo elogio a Tiptree. O erro de Silverberg, aliás, foi concluir tão precipitadamente que um estilo de escrita – neste caso, a difusa agregação de temas, hábitos, ritmos, dicção e sintaxe que passa por voz masculina ou feminina – não pode ser emulado com competência; nenhum artefacto verbal transporta um ADN tão complexo que o torne imune à clonagem ou à simulação. E daí a sua razão parcial: a voz em questão era “masculina”, e intencionalmente. A invenção de “James Tiptree, Jr.” não consistiu na mera adopção de um pseudónimo por expediente administrativo; foi também um acto deliberado de personificação. Alice Sheldon não se limitou a escrever contos (sete ou oito dos quais são dos melhores da ficção científica): encarnou a personalidade adequada para os ter escrito.

## Trabalhos de casa Rogério Casanova

*A invenção de “James Tiptree, Jr.” não consistiu na mera adopção de um pseudónimo por expediente administrativo; foi também um acto deliberado de personificação*



Um deles foi *And I Awoke and Found Me Here on the Cold Hill's Side*. O título vem da penúltima estrofe do *La Belle Dame sans Merci* de Keats, e as curtas dez páginas recapitulam o poema, no qual a vida de um cavaleiro é destruída pelo encontro com uma mítica criatura do reino das fadas, uma forma de vida tão estranha e *outra* que o condena a uma espécie de fixação permanente e semicatatónica.

**O** conto de Tiptree (uma daquelas histórias em que o narrador nos transmite a informação que ouviu, mas sem perceber patafina do que está a contar; trata-se, apropriadamente, de um repórter televisivo) passa-se numa enorme estação espacial chamada Big Junction onde várias espécies alienígenas se cruzam, em trânsito, e consiste inteiramente numa longa conversa entre duas pessoas. Uma delas é o jornalista, a meio da sua primeira viagem ao espaço exterior, e da sua primeira exposição directa a extraterrestres; o interlocutor é um semi-intoxicado funcionário da estação, que o tenta alertar para os riscos do fascínio por essas espécies exóticas, usando como exemplo a sua própria história.

É uma história de compulsão e abjecção. A ideia é que qualquer espécie alienígena mais avançada vai produzir na humanidade um efeito análogo ao que inspirou os cultos de carga, mas na área em que somos mais explosivamente vulneráveis: o sexo. O funcionário de Big Junction relata as peripécias degradantes de uma subcultura dedicada a perseguir o interdito contacto interespecies, e disposta a abandonar tudo pela mera proximidade de deformações alternativas, epidermes translúcidas, membros supranumerários, não poupando pormenores sobre os danos psíquicos, e até físicos, que resultam de interacção sexual directa com culturas ou anatomias tão distintas. A este espalhamento de exogamia os extraterrestres reagem com o imperioso despotismo da

indiferença. “Nós fomos construídos para sonharmos na direcção do exterior, eles não.”

Um dos factos mais notáveis da história literária desde a ascendência do romance no séc. XVIII foi o desaparecimento do amor passional. A forma predilecta do realismo foi capaz de nos falar sobre enfação, sedução, sexo, casamento, adultério, desencanto e divórcio – mas não sobre o delírio incapacitante que os modelos mais antigos exigiam. Na tradição medieval, a paixão não era apenas uma espécie mais intensa de emoção – era um desarranjo total dos sentidos que nos tornava indefesos, doentes, escravos. Esse tipo de processos foi sequestrado pela literatura moderna entre as patologias não sexuais e deslocado para as histórias de obsessão (*Moby Dick*, *Crime e Castigo*, *O Grande Gatsby*) que herdaram os seus mecanismos básicos. Todas elas são histórias de um investimento excessivo – numa pessoa, num objecto, num objectivo – que nunca pode devolver esse investimento ao obcecado; que nunca pode, por definição, dar-lhe o que ele quer, pois é isso que a obsessão faz – aumenta desproporcionalmente o seu alvo, ao mesmo tempo que o estabelece como inatingível.

Com outra ilustre excepção (o *Lolita* de Nabokov), o conto de Tiptree talvez seja o único exemplo de prosa literária do séc. XX a recuperar um entendimento mais antigo da paixão para o ligar com uma obsessão explicitamente sexual, centrando como alvo do desejo criaturas para as quais o desejo e quem deseja são, por definição, irrelevantes. Belos ET, sem piedade.

É um conto genuinamente desconfortável, na execução e nas implicações, como muito do que Tiptree escreveu, e como muito do que Alice Sheldon fez, quando não estava a inventar-lhe a voz. Em 1987, deu um tiro na cabeça depois de baleiar mortalmente o marido – num incidente nunca esclarecido, e que tanto pode ter sido um pacto de suicídio, como algo menos consensual. Mesmo depois da morte, continuou a guardar segredos incómodos.